

BRASIL-PORTUGAL

1 DE DEZEMBRO DE 1903

N.º 117

Afonso XIII



Sua Magestade o Rei de Hespanha



CRONICA



QUANDO ha quinze annos se constituiu um grupo — que talvez para affirmar um contraste com a felicidade da existencia dos seus associados — se denominou dos *rencidos da vida*, Lisboa — que a então uma cidade de nervos muito impressionaveis, — occupou-se da occorrença com uma perseverança em que se traduzia um pronunciado mau humor. Na conversa nas salas, nos cavacos das tabacarias e cafés, em toda a parte onde duas pessoas trocavam impressões ou se ajuntavam para fazer a critica á vida alheia, considerou-se como uma provocação irritante esse chrisma burlião, que dava aos unguidos no sa- burião, o accentuado proposito de cha- coatear da miseria alheia.

Ao escandalo produzido com um nome que era irreverente com a consagração dos antigos triumphos d'alguns d'esses homens, e contradictorio com a supremacia social que constituia a actual situação de todos elles, — juntou-se um ritual que ainda mais parecia accentuar o proposito provocador. Sem os mysterios dos maçons e sem a despreocupação dos bohemios, os *rencidos da vida*, quando, semanalmente, reuniam-se para jantar, nem presenciam da respectiva noticia, publicada no *corret montain*, nem dispensavam *toilette*, esmerado e solemne. Cada noticia d'essas, atirada para a publicidade, era, pois, como um petardo anarchista destinado a alluir, pelos fundamentos, tudo quanto a sociedade de antigos pandegos pregoadra ser o regimen consagrado e favoravel a festanças similares. Como se o seu proposito fosse levar aos mais desesperantes extremos a insolencia no desafio, esses homens quiseram mostrar toda a distancia que os separava do poeta Gilbert, expirando no hospital:

Au banquet de la vie, infatigant convive...

Foi então que, para fugitar com desdem os que motejavam do seu titulo de *rencidos*, deram em publicar, pontualmente, o *menu* dos seus agapes, fartos e escolhidos como os condemnados e prohibidos no concilio de Carthago. A minha penna é impotente para traduzir a irritação produzida. Puderam! Vin-se que os *menus* eram de primeirissima ordem. Os homens comiam do bom e bebiam do melhor. Soube se mesmo, que, na parte respeitante ás libações, os banquetes eram regados abundantemente com Champagne *extra dry* — uma marca que, por então, offerecia novidade, graças ao principe de Gales, que a baptisára com o seu favor especial.

Tudo isso deu aos *rencidos da vida* uma notoriedade que quasi chegou á instigação revolucionaria. Como então ainda se não podia citar o *banquete da vida* para expressar um precedente glorioso, citavam-se os banquetes dos reformistas, em França, que foram o inicio da revolução de 1848. A differença entre uns e outros é, porém, bastante sensivel: n'aquelles a que presidia Odilon Barrot ficou memoria do que se dizia e não ficou noticia do que se comia. N'estes succedia precisamente o contrario. O profundo. Os lidos nos philosophos heilenicos, perguntavam, por isso, chacoateando, se esses banquetes dos *rencidos* se discutia como o *banquete de Platão*, — em que no dialogo famoso se discutia o amor, pondo o como complemento da virtude, — ou se eram como o *banquete de Xenofontes*, em que Socrates era posto a discursar em casa de Cellias, filho de Hipponicas. A isto respondiam outros com malicia minaz, que não se tratava dos banquetes eruditos imaginados por Platão e Xenofontes; era o *banquete dos sete sabios*, de Plutarco, a discutir... os sete ultimos escandalos da cidade e da corte. Foi assim, espicado por estas allusões, que se travou um dia-

logo, que os annos decorridos ainda não fizeram esquecer. Um homem politico muito em evidencia, o mais strabico dos estadistas do seu tempo, conversava com um dos *rencidos* e interrogava o sobre o motivo especial que determinára a admissão dos seus concos. Foi-os successivamente indicando:

- Porque entrou o Oliveira Martins?
- Porque é o primeiro philosopho de Portugal.
- E o Eça?
- Porque é o primeiro romancista de Portugal.
- E o Soveral?
- Porque é o primeiro diplomata de Portugal.
- E o Fialho?
- Porque é o lente mais fidalgo de Portugal.
- E o Antonio Candido?
- Porque é o primeiro orador de Portugal.
- E o Guerra Junqueiro?
- Porque é o primeiro poeta de Portugal.
- E o Pindella?
- Porque é o escriptor e engenheiro mais janota de Portugal.
- E o Ramalho?
- Porque é o primeiro critico de Portugal.
- E o Carlos Lobo d'Avila?
- Porque é o politico mais sagaz de Portugal.
- E o conde de Sabugosa?
- Porque é o conde mais litterato de Portugal.

Aqui o interrogante parou. Depois de hesitar desfechou a pergunta:

- E v. ex.ª?
- Eu? Porque sou... o medico com menos clinica de Portugal.

O interrogado era o que do grupo dos *rencidos* ainda faltava enumerar, — o dr. Carlos Mayer.

— Tenho percebido, tornou o da conversa. V. ex.ª são todos os primeiros de Portugal. Não deixaram um logarsinho vago...

O de primeiro zarolho de Portugal. A calva enrubecida demonstrou a sensibilidade á graça. A impertinencia do interrogatorio dera azo á reprimenda.

Passaram os annos — e as leis eternas dispersaram o grupo. Primeiro veio a separação de Guerra Junqueiro. Os poetas não, nos banquetes, convivas promptos á desavença. Lamartine que, na monarchia de Julho, pertencera á extrema direita e ao partido Molé, quando vieram os banquetes de Fevereiro lançou-se, de repente, no partido extremo. Foi elle, com a sua *Historia dos Girondinos*, rehabilitando e glorificando o regimen do Terror, quem deu o mais fudo golpe no throno de Luis Filippe. O *Capador Simão*, se não alcançou os mesmos resultados, talvez, intutos semelhantes. Ora os *rencidos* eram revolucionarios no *Hotel Bragança*, mas conservadores, paladinos e, em grande parte, servidores, da... Casa de Bragança. Estiveram d'accordo com o poeta em quanto elle se limitou a ir ao palacio celestial por fóra o *Padre Eterno*. Separaram-se, porém, quando o viram no intento de penetrar no Palacio das Necessidades para pôr... papagaios na janella.

Tempos depois um outro episodio lançou entre os associados motivo politico para novos resentimentos. O conde de Valheim tinha recebido missão d'organisar governo. Em todas as conversas que antecederam o encargo official, Carlos Lobo d'Avila julgára se assegurado da cooperação de Oliveira Martins para a pasta da fazenda no ministerio que fosse formado por seu pae. A chave da nova situação era essa. Oliveira Martins, porém, quando chegou o momento formal do convite, recusou-o. Soube-se, depois, que fóra também n'um outro banquete, tempos antes, n'uma saleta do *Restaurant Siles*, que o auctor do *Portugal Contemporaneo* jurára ao sr. Dias Ferreira fidelidade e constancia, n'uma união indissolvel. Esta

jura nupcial... em *cabinet particulier*, teve as consequências conhecidas. A incompatibilidade nos genios dos noivos, manifestou-se ainda antes de irem à igreja. Logo no primeiro conselho esteve declarada a ruptura, que o bispo de Bethesda conseguiu evitar, gastando todas as suas dulcoradas palavras e todo o seu latim do celebrante de consorcios celebres. Seis meses depois o divorcio foi definitivamente pronunciado. Era fatal! O Jantarito do *Sica* ficou como um acontecimento historico, — mas o estriamento por elle produzido nos dois convivas dos banquetes do *Bragança*, se foi disfarçado, nunca mais foi esquecido.

A morte veio, porfim, rarear mais fundamente a fila do grupo tão discutido. São quatro os que já desapareceram: Ficalho, Oliveira Martins, Eça e Carlos Lobo d'Ávila. Ponho em ultimo lugar aquelle que no meu coração continua a viver inalteravelmente, n'um protesto eterno contra a brutalidade do destino...

O desaparecimento d'uns, a incompatibilidade com outros deu fim ás reuniões periodicas dos que ficaram. Não mais se falou nos *venecidos da vida*. A lousa fria dos sepulchros entregou até as recordações irritantes. A obra litteraria e politica dos que dormiam no eterno sono, começou a desenharse em nitides perfeita, desas-sombreada de paixões e allumiada pela verdade. Fez-se nas consciencias a serenidade, que dá aos julgadores rectos a auctoridade para as sentenças inapelaveis. E quando os que se amaram, vinham, em piedosa romagem, depór flores vivas sobre os seus tumulos modestos, choravam concentrada mas consoladoramente, porque, se já não viam os entes queridos aclamados como triumphadores, tambem não escutavam o clamor irritado dos malquizeados com a sua obra, ferindo-os com o sarcasmo, deprimindo-os com obstinação, escavando nas imperfeições para fazer a propaganda negativa da superioridade dos seus meritos. A religião do amor engrandece-se com o culto sereno, desataviado de pompas, dispensa o incenso que sobe em espiraes perfumadas, casando-se melhor com os suspiros, em que a alma desabafa saudades que não se extinguem.

Era esta a situação para os que tinham morrido; esta era a situação para os que os tinham amado e ainda viviam. A obra, a obra laboriosa e extensa, impressa e corrente, bastava, talvez, para a gloria perduravel de escriptores excepcionaes. Não fazia falta o marmore e o bronze aquelles que, na sua devoção de artistas, reputavam a penna como instrumento superior ao cinzel e consideravam os tipos de impressão como mais duros que o metal duro, para a resistencia aos estragos das gerações. Não foi este, porém, o criterio que norteou alguns dos seus amigos. Não os censuro. Quero só consignar que, ao levantar-se no largo do Quintella o monumento glorificador a Eça de Queiroz e ao erguer-se nos Frazeres o monumento tumular a Oliveira Martins, acordaram, de novo, paixões que se suppunham extinctas. Perturbaram a paz dos que dormiam. E como se o resto do extincto grupo recomencesse nas provocações, que n'outros tempos tinham feito escandalo, os *venecidos da vida* tornaram a ser discutidos, — e assim tornaram a ser discutida a sua citação n'esta chronica, onde a malquerença pelos que morreram não tem cabida e onde a afeição por alguns dos que ainda existem, é conhecida.

A antecipação na homenagem que se quiz prestar aos dois grandes escriptores, teve como consequencia duas notas disonan-

tes para a apothose: são muitos os que não foram ao largo do Quintella receber a doação do novo monumento com que a cidade era brindada: abstiveram-se com o proposito de salientar o reputado é offerta. Não se pode occultar este proposito, que, se não teve maior resonancia na imprensa, nem por isso tem tido uma publicação limitada. Os dichotos anonymos, correndo de boca em boca, e as satyras manuscritas, correndo de mão em mão, foram, pois, um dos acontecimentos da quinzena de que estou fazendo a chronica. Se para o grande artista da *Reliquia* e do *Friduige Mendes* a hostilidade d'uns teve a compensação dos clamorosos applausos entusiasticos da mocidade generosa das escolas, para o outro, para o auctor dos *Filhos de D. João I*, a mesma sanha n'estes ataques indelicados nem por isso teve um significado mais consolador. Foram menos os que fizeram a romagem ao seu tumulo, do que os que iam habitualmente, como solicitantes, ao seu gabinete de ministro. Tocou quasi as raias d'uma escandalosa má accção, o abandono de tantos que em vida o exploraram na sua situação nas letras, no jornalismo, na administração e na politica militante. Não! Foi bem evidente: o marmore e o bronze anteciparam ao esquecimento de agravos e invejas. A obra d'esses dois batalhadores das letras precisava ser menos genial, para ser mais universalmente recebida. Só os bastante insignificantes é que podem aspirar a ser indiscutidos nas homenagens que lhes consagram os contemporaneos.

No caso especial d'Eça de Queiroz e de Oliveira Martins, manda a justiça tambem accentuar, que o erro do esculptor contribuiu para aggravar a má vontade latente. Se eu tivesse voto no conselho dos que foram o resto do discutido grupo dos *venecidos da vida*, eu retiraria ao sr. Teixeira Lopes o direito de pôr taboleta de "fornecedor exclusivo", dos monumentos aos meus consocios. Não é porque o esculptor não seja um artista de justificados meritos, mas é porque tenho o sr. Teixeira Lopes como um espirito de recursos limitados para traduzir, no marmore ou no bronze, o significado, caracteristico, dos homens que o seu cinzel é encarregado de preparar para a immortalidade. Não tem no cerebro um grande numero d'ideias; contenta-se em ter uma sala com um grande numero de mulheres. A cada encomenda que recebe vae á saleta e chama uma d'essas damas. A differença no traje é, o que, para elle, constitue toda a differença na intenção. Com o vestido afogado faz uma Santa; com meio decote faz a Historia; com a nudez, sem farraparias, faz a Verdade. Ponha o artista melhor estudo e mais alguma imaginação quando fór chamado a idealisar. Tenha, em todo o caso, bem presente que a Verdade não fica bem em attitude de banchante — e que a Historia é irreconhecivel com lagrimas, tremellicando no cantinho do olho. A Historia não chora, a Historia nunca chorou, a Historia foi condemnada a não chorar nunca, — salta-o o sr. Teixeira Lopes. Se os olhos se lhe embacicassem com as lagrimas, a visão dos factos seria transtornada na exactidão precisa. Os seus julgamentos deixariam de ser a verdade pura — o que não é o mesmo que a verdade nua.

Faço estas observações com o unico proposito de só ter por que applaudir, no futuro, um artista que pôde progredir, produzindo obras mais scientemente equilibradas. As suas mulheres... são-lhe falsas. No caso do sr. Teixeira Lopes o que melhor ha a fazer, é — trancar a porta que do geneceo dá passagem para o *aldiar*.

J. BARBOSA COLAN.



Belchior Fernandes
Inventor do balão Lusitano



Cesar Marques
Companheiro de Belchior na sua 3.ª ascensão



José de Almeida
Outro passageiro do balão Lusitano

Boas vindas



povo portuguez, sentimental e trovadresco, acolhe o soberano hespanhol com um bello gesto de carinho. Somos, por excellencia, hospiteiros, e a quantos nos sorriem sorrisos tambem, aconchegando-os muito ao coração. Ainda quando se trate de raças divorciadas da nossa maneira de pensar e sentir, desde que um dos seus representantes mais illustres transpõe a fronteira, é nosso hospede, e, como tal, sagrado. Com a Hespanha, as affinidades são grandes, desde a lingua, por igual sonora, eloquente e magestosa, até ao mysticismo celta, incontestavel, vagamente sonhador, mixto de aremetidas e desalentos. O D. Fradique, da *Illustre Casa de Ramires*, é simultaneamente hespanhol e portuguez, das margens do Tejo, ou das do Guadalquivir.

No emtanto, é singular como integrados na mesma península, obedecendo a factores historicos communs, soffrendo vicissitudes identicas, ambos navegadores, ambos guerreiros, ambos cruzados, catholi-



S. M. a Rainha D. Maria Christina mãe de Afonso XIII

cos, fanaticos, ambos invadidos e talados pelo mesmo conquistador, o destino nos faz descrever, desde o advento do constitucionalismo, trajetórias tão diversas. Com effeito, mórmente desde 1890, Portugal e Hespanha gravitam em orbitas que apenas tem de commum o pertencermem ambas as nações ao systema planetario europeu. De resto, nada temos de solidario nos dominios da politica internacional, além da cortezia que nos devemos como bons vizinhos e a parte em que se chocam ou abraçam os respectivos interesses commerciaes.

O destino, a tradição historica, o condominio moral ultramarino em varias regiões da Africa oriental, a nossa situação geographica privilegiada no quadrilatero strategico estreitaram entre nós e a Inglaterra laços que o *ultimatum* de noventa por um triz não despedaçou. Hoje, se ainda na massa popular subsiste um antagonismo ethnico que só muito tarde a cultura apagará, se apagar, em compensação, as classes pensantes da sociedade portugueza vêm com bons olhos a alliança britannica, não faltando quem a reputo indispensavel á autonomia metropolitana e á integridade do patrimonio colonial. Já outro tanto não acontece á Hespanha. Depois de Cavite, depois de Santiago de Cuba, a nação, inquieta e afflicta, debate-se n'uma pavorosa crise interna e n'uma incerta situação internacional. Coagida a renunciar á expansão ultramarina, a sua existencia circumscreviu-se ao dominio peninsular, farto, uberismo, abundante em recursos, mas roida por cancores e affectada de lesões difficil e demoradamente curaveis. Não tendo, por ora, compensações a offerecer, a mais elemental prudencia lhe aconselha a maior cautella na escolha das allianças. E', por emquanto, uma isolada, e sel-o-ha enquanto uma paz interna duradoura

lhe não facilitar a reconstituição das suas forças economicas, um thesouro desafogado, uma deleza eficaz das suas costas e fronteiras. Nem as considerações de ordem dynastica lhe consentiriam, sem graves contrariedades, a integração politica no mundo latino.

Pontos de contacto existem, porém, e deveras ponderaveis, entre as duas civilisações: a alma latina, essencialmente commum, a eloquencia, os ideaes artisticos, a continuidade do solo e do céu, a historia, os monumentos, suggerindo os mesmos motivos á imaginação creadora dos dois povos. E as relações creadas por essas concorrentes solidarias na tarefa commum — o resurgimento da alma artistica pe-



S. A. a Senhora Infanta D. Maria Theozza

ninsular — convem que utilizados sejam com amor, affincio e enthusiasmo. A' península pertence o sceptro da eloquencia concional, sagrada ou forense, parlamentar ou tribunicia; na península subsiste o culto da luz e da côr; na alma ingenua dos dois povos brotam, espontaneas, as notas de um lyrisimo peculiar, riquissimo na gamma dos affectos; e ambos os povos, o portuguez e o hespanhol, se encontram sempre na vanguarda dos paladinos da cruzada altruista universal.

E se conveniente é sempre o intercambio das ideias entre povos de indole sentimental identica, se já a portuguezes encanta a visita de uma simples individualidade da alheia e amiga nação, — que dizer da visita de um rei, moço e desafortunado, representando elle só, por força da sua investidura, todo um povo, e por força de suas desgraças, transportando em si a mais imperiosa das seduccões sobre a alma portugueza? . . . D'ahi, a maneira galharda e gentil porque a população da capital acolherá o joven rei de todas as Hespanhas prestando-lhe a homenagem que jámais recusou á mocidade e ao infortunio.



SS. AA. o Principe e a Princesa das Asturias

Porque entre as testas coroadas e as soberanias populares. nenhuma é mais digna de pena e creadora de sympathias. Nicolau II, Francisco José, Guilherme II, Victor Manuel III suggerem ao povo a ideia de grandes e poderosas individualidades, armadas e preparadas de ponto em branco para a lucta. Se a democracia os hostilisa, se a maré socialista ameaçar subvertel-os, em todas as consciencias sobreviverá a convicção de que a sua queda fez morder o pé a muitos inimigos, abriu largos claros nas fileiras contrarias. Ameaçados, hão-de resistir; hostilizados, hão de reagir. Mas essa figura franzina e pallida, planta de estufa, regada desde o berço pelas lagrimas de uma mãe



O Rei Affonso XIII

angustiada, crescendo entre rezas e invocações á Providencia, tutelada por todas as divindades da alma antiga com prejuizo das energias do mundo moderno!... E' graciosa, elegante, de caule esguio e esvelto, mas logo nos vem o vago presentimento de que uma ventania mais forte, uma geada mais inclemente poderão quebral-a ou abrazal-a. E vendo-a assim tão linda, de uma alvura de lyrio e de uma ductilidade de canhão tem-se pena, sincera pena de que o destino tivesse armado á sua fraqueza e mais perigoso dos laços.

Mas não perderá el-rei de Hespanha a sua viagem e contente voltará de certo ao seu reino se observar, ou lhe mostrarem, a commoção com que as lindas lisboetas, de olhos negros e luminosos, lhe acom-



S. A. a Princesa das Asturias com seus dois filhos os Infantes D. Affonso e D. Fernando



SS. AA. as Senhoras Infantas D. Isabel e D. Eulalla, tias do Rei

panharão na rua a silhueta rapida. Olhos humidos, olhos de encantar, olhos que dizem tudo quanto um soberano intelligente pode comprehender mas não ouvir. E da sua passagem por este paiz, tão simples e tão bom, levará uma impressão de infinita paz, de grande serenidade, de patriarchal carinho.

CUNHA E COSTA.

POLITICA INTERNACIONAL

Antes de nos occuparmos da crise norueguesa e da crise hungara, a que nos referimos na chronica anterior, as quaes embora provisoriamente resolvidas continuam, sobretudo a ultima, em estado latente, somos forçados a dizer algumas palavras sobre os acontecimentos politicos que se estão desenvolvendo em Hespanha, cuja significação especial não pode passar despercebida para ninguém que se interesse pelos destinos do paiz visinho.

Não é propriamente de uma crise ministerial que se trata. Essa por ora não está aberta, e as folhas governamentais hespanholas negam mesmo que venha a dar-se com que occorram novos incidentes. Mas peor de que uma crise, que derrube um ministerio, se apresenta a situação em Hespanha, onde o proprio regimen monarchico é que está em cheque, sem se poder descontinuar de que lado lhe virá a salvação.

Sobretudo depois da morte de Sagasta os acontecimentos tem-se alli precipitado por tal forma, que quasi não dão tempo ao chronista para relatá-los. E' por um lado o enfraquecimento e a divisão do partido liberal, depois da morte do seu chefe. E' por outro lado o enfraquecimento e a provavel divisão tambem do partido conservador, depois das declarações de Silvela renunciando á chefia. E' em terceiro lugar a audacia cada vez mais accentuada do partido republicano, o qual não obstante as divisões internas, que nunca desapareceram de todo, vem sempre alcançando novas adhesões. E' finalmente mais, muito mais do que tudo isto, o espirito de revolta que de um ao outro extremo sopra no paiz, e que aqui se traduz por uma greve, alli por uma manifestação anti jesuitica, n'outro sitio por um protesto contra a cobrança de um imposto, n'outro ainda por um motim occasionado pela fome, em toda a parte por um profundo descontentamento e mal-estar, precursores de qualquer coisa que ninguém sabe ao certo o que seja, que todos esperam e que todos receiam...

Relatemos summariamente os factos. Depois de diversas tentativas de conciliação e de outras tantas para adiar a espinhosa questão da eleição de chefe, o partido liberal acaba de se scindir irremediavelmente, dividindo quasi por igual a votação entre Montero Rios e Moret — 210 votos contra 194. N'estas condições, mantendo-se intransigentes ambos os campos, a separação está consummada de facto.

De principio tinha-se concordado em que o minimo dos votos, com que o chefe podia ser eleito para ter o sufficiente prestigio, seria dois terços. Segundo uma noticia, porém, que o telegrapho n'este mesmo momento nos transmittiu, os delegados liberais, que votaram em Montero Rios, procuraram n'ò no Congresso e alli o proclamaram chefe do partido liberal.

Depois das scenas escandalosas, que se deram por motivo da eleição e que andam a estas horas assolaadas na imprensa de todos os matices, o passo a que se abalçaram os *monteristas* só pode contribuir para tornar definitiva a scisão. E com effeito noticiam de Madrid que por virtude do acontecido se vai constituir um terceiro partido intitulado «democratico», evidentemente formado com a extrema esquerda do antigo partido liberal. E', ao que parece, a realisação da ideia do sr. Canalejas, para qual elle principiou a trabalhar logo que se separou de Sagasta. Simplesmente não apparece muito clara n'este caso a situação do sr. Moret. Com os restos do antigo partido liberal fica o sr. Montero Rios, o chefe *in partibus* recentemente proclamado.

Dentro do novo partido democratico, se chegar a ter realidade — o que por ora ainda apresenta algumas duvidas — será figura primordial o sr. Canalejas, e não se percebe bem como é que o sr. Moret se ha-de sujeitar á chefatura do director do *Heraldo*, elle que saiu do partido liberal para não se submeter á chefia de Montero Rios. Que resta ao sr. Moret e aos seus amigos? Ligarem-se com Villaverde para a criação de um partido medio? Mas em primeiro lugar os *moretistas* desmentem que haja quaesquer combinações entre o seu chefe e o presidente do conselho; e depois se já o exito do projectado partido democratico é bastante duvidoso, que viabilidade teria um quarto partido, cuja acção representaria uma perturbação nova na tão revolta e incerta vida politica hespanhola?

Ha tambem a solução de se converter em partido democratico, sob a chefatura de Montero Rios, a parte do antigo partido liberal que ficou fiel a este politico. Parece mesmo, a acreditar as noticias que nos chegam, ser este no momento actual um projecto já em via de execução. Mas quem não vê a completa inutilidade de semelhante tentativa? Um partido novo muda de natureza simplesmente porque mudou de titulo. Com qua homens, os processos e tradições de Sagasta; com um chefe no ultimo periodo da vida e educado na escola do oportunismo liberal do fallecido estadista, não é difficil de adivinhar o que será a orientação do novo partido. Mais uma desillusão, se é que algum está illudido a respeito do futuro que espera este expediente.

Eis a situação no campo liberal. Em que estado se encontra o partido conservador? Relatemos singelamente os factos tambem.

Mal abriu o parlamento empenhou-se, como é de praxe em Hespanha, o debate politico. Foi principal adversario do governo o partido republicano, que atacou o presidente do conselho e mais ainda do que

a elle o regimen monarchico pelas violencias commettidas nas eleições municipaes.

A defesa do sr. Villaverde foi fria e muito friamente escutada pela maioria. Em compensação esta fez uma ovacão, sem precedentes no parlamento hespanhol, ao sr. Maura, o *fidus Achates* do sr. Silvela e ministro do reino com este na penultima situação conservadora. A maioria, aliás eleita pelo sr. Villaverde, não se limitou a victoriar o sr. Maura como orador, mas proclamou-o chefe do partido, dando-lhe de facto por entre acclamações repetidas uma verdadeira investidura. O governo ficou isolado e mal se comprehende como depois de semelhante exaustoração o presidente do conselho não peliu desde logo a demissão. Fique, porém, ainda no governo por algum tempo, ou demitta-se desde já, em cousa alguma este facto alterará a significação e o alcance do que aconteceu. O partido conservador dividiu-se, ficando parte, a mais importante não ha duvida ao menos pelo numero, sob a direcção do sr. Maura, e parte com o sr. Villaverde e porventura com o sr. Romero Robledo tambem, o politico que mais instou com o presidente do conselho para que se não demittisse em seguida ao memoravel discurso do sr. Maura.

De modo que parallelamente á scisão dos liberais dá-se entre os conservadores uma scisão identica, cujos resultados ainda mais virão complicar a situação politica singularmente perturbada depois da morte de Sagasta.

Vejamos agora qual a posição do terceiro elemento preponderante na actual politica hespanhola — o partido republicano.

Não ha duvida que, depois de um quasi completo aniquilamento durante muitos annos, o partido republicano resurgiu inesperadamente



Villaverde

O Presidente do Conselho de Ministros de Hespanha

em Hespanha, e com tal pujança que principia a causar serias apprehensões no campo monarchico. Pouco importa saber se a actual disciplina do grosso do partido se manterá. No momento presente a união dos republicanos é, com pequenas excepções, completa e contrasta de um modo frisante com a desunião dos partidos monarchicos. A que é esta união devida? Simplesmente á habilidade e ao prestigio do sr. Salmoriz? Não nos parece, por muito que os republicanos hespanhoes tenham mudado os antigos processos dissolventes, que tão má resultado já para elles uma vez tiveram.

A causa principal do renascimento do partido republicano na nação visinha devemos ir procurar a aos acontecimentos do anno de 1898, em que a Hespanha pelo mais memoravel dos desastres perdeu os ultimos restos do seu imperio colonial. Causou então admiração e indifferença com que uma catastrophe politica de tal magnitude foi encarada pela massa da nação. Os proprios interessados em que as paixões populares se não excitassem, dissimulavam a custo o espanto que lhes causava tal tranquillidade. A Hespanha n'um dia passou da situação de potencia colonial, ainda respeitavel pela extensão e riqueza do seu dominio ultramarino, á de uma modesta nacionalidade, cujo futuro ia ter por teatro d'ahi em diante o territorio europeu apenas,

e em Madrid e nas provincias ninguém deu por semelhante transformação, que no entretanto para sempre sellava o livro dos destinos da monarchia hespanhola.

A indifferença, porém, não era resignação ao que parece, mas sim o atordoamento resultante do inesperado desfecho da guerra com os Estados-Unidos. Passada a depressão do primeiro momento, a reacção começou, primeiramente no campo economico com as grèves e as colligações operarias e depois no campo politico com a reorganisação do partido republicano e com as victorias eleitoraes, que se seguiram a esta reorganisação.

Assim, pois, é na guerra de Cuba e no epilogo que ella teve, que se deve procurar a causa do actual movimento republicano em Hespanha. Mas esta origem, superior ás combinações propriamente partidarias, se é motivo do grande impulso actual do partido republicano, ameaça tambem ser um futuro fermento para a desunião do mesmo partido.

No momento presente a força principal do grupo republicano reside na negação do existente, que de modo tão completo fez bancarrota na questão colonial, e tão enredado se vê ainda com outros problemas do mais largo alcance, como por exemplo, o religioso. Porisso é irresistivel o movimento das massas que, depois de quasi por surpresa mandarem ao parlamento quarenta deputados demócratas, acabam de ganhar, não obstante todas as pressões da auctoridade, a victoria ainda mais estrondosa, porque lhes foi disputada, das eleições administrativas.

E assim continuará, é licito prever-se, accentuando-se cada vez mais a hostilidade contra o actual estado de cousas. Pode sob este ponto de vista e sem grave inconveniente afrouxar a vigilancia do sr. Salmeron. Grande parte da nação está no momento presente trabalhando por elle, e o resultado final do combate empenhado não nos parece duvidoso.

O peor é que a força de agora ha-de necessariamente converter-se na fraqueza futura. A negação do «existente» reúne n'um poderoso exercito todos os inimigos da monarchia, qualquer que seja a sua bandeira. No dia seguinte ao da victoria estas bandeiras, presentemente enroladas, desfaldar-se-hão de novo e a união do partido desaparecerá...

Mas isso pertence ao dia de amanhã. O que é de hoje é a crise aguda que a politica hespanhola atravessa — os liberais divididos por incompatibilidades irreconciliaveis, os conservadores retalhados por incomes e rivalidades de mando, e os republicanos augmentando, crescendo, e cobrando audacia...

CONSIGLIERI PEDROSO.



Figurinhas de cera e de seda

CLARA

A Julia de Sousa

Friorenta, encolhida no fundo do *coupé*, tudo era indeciso na figurinha que passou rapidamente, na tarde que escurécia.

Nascia da penumbra, sem precisão nos contornos, como certos retratos de Columbo e de Henner. E entre o chapéu preto e a face branca, o cabello loiro punha uma esmaecida aureola, como uma tenue poeira d'ambar. A boca, de *renard bleu*, ainda augmentava o indeciso, o fluctuante d'essa mulher; os olhos claros não brilhavam; o vermelho da bocca desmaiava... Figurinha de cera e de seda, que passava, olhando para a rua sem attentar talvez em ninguém, levando o nosso desejo de decifrar enigmas, indifferente, graciosa, impressionou-me... Ao amigo que me acompanhava recorri para saber d'ella. Quando me voltei para perguntar, vi que Roberto se puzera pallido; parecia que á boca se lhe alveitava uma boqueira de pedra, mascara tragica a emudecer.

Seguiu com os olhos a carruagem que trotava pela Avenida até ao perder, entre as arvores em Valle do Pereiro.

— Quem é? gaguejou. Alguma aventureira cosmopolita que veio *faire le Portugal*. Um pastel de Antonio de la Gandara, maquiada como uma infanta de Velasquez, mais artificial que uma boneca de Nuremberg, sem vicio, talvez, amante enternecida d'algum *croquiser* de *Cercle* ordinario... Sei lá!... encolheu, impaciente, os hombros, a concluir.

Houve um silencio. Raras carruagens passavam. Estava triste a Avenida. Descomos. Abriam, simultaneamente, as grandes flores geladas e luminosas das lampadas electricas. Rápidos, fulgiam os americanos. Outra vez a mulher passou, mais indeciso o vulto, apenas distincto o pallor da face branca no *coupé* escuro.

— Porque teria vindo cá, essa mulher? perguntou Roberto, colérico.

— Conhecê-la?

— Se a conheço?! Tenho querido arrancar-la de mim, como se arranca d'um boi uma farpa — violentamente. Tenho querido fugir de mim, para a esquecer! E quando estou quasi a conseguilo, quando a tortura da sua lembrança é em mim apenas uma cic-

triz, ell-a que aparece a reavivar a chaga antiga, a tornar a mais dolorosa! Clara veio aqui só por minha causa, ouves? Para fazer-me soffrer!

Agarrava-se me ao braço, a apertal-o violentamente. Na boca acentuava-se-lhe, aspero, o vinco d'amargura.

— Foi esta mulher que me fez fugir de tudo, perder o amor a tudo, desterrar me para esta passividade, eu que amava a vida dolorosamente, gozando com tudo, intensamente!



Dr. Agostinho Lucio da Silva

Médico e Deputado da Nação

*Conhecía-a em Hespanha. N'um inverno humido deixei Lisboa e acolhi-me a Sevilla. Os dias gloriosos de sol que lá gozei pelas margens do Guadalquivir azul! Andava ebrio de tanta luz que enchia d'oiro e de triumpho a cidade alegre. Saía para os campos, logo de manhã, a rir-me com os trigues e com as flores. Ia ao parque ver o sol fulgir nas caudas abertas dos pavões orgulhosos; descia ao caes para ver brilhar na agua incendiada os cobres polidos dos navios; enchiam-me de prazer a barulheira dos carregadores, o chiar aspero dos guindastes, o estridulo das sereias, nos vapores que parlavam... Tudo era alegria na cidade maravilhosa mesmo á noite, as lampadas incendiavam a *Sierpes* brilhante, onde se apertava uma multidão palradora. Das janelas dos casinos, das portas dos cafés, dos mostradores das lojas, vinham chapadas de luz. Misturava-me a toda aquella vida insolente, ria com todos os risos, todos os labios frescos me chamavam, rodeavam-me todos as cabelleiras fartas, cheias de flores. O donaire das andaluzas d'olhar de volupta fazia-me achar mais bella a Vida. Era como um poema a enaltecer a obra de Deus. Por todas amar, não amava nenhuma. Comprei o sino da Cathedral. Do alto da Giralda, uma



Francisco José Ferreira de Lima

Engenheiro

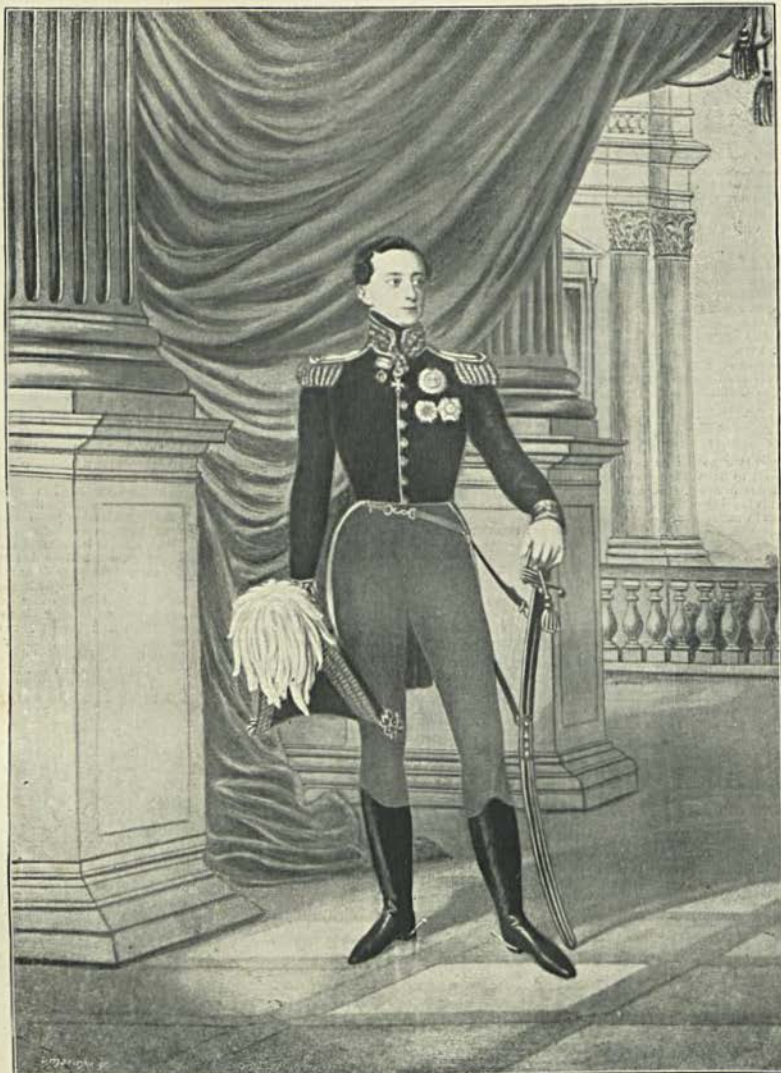
note, possui a cidade, senti que todo o tumulto confuso que até mim chegava, era o seu sangue que pulsava por mim nas suas arterias, aquella resplandecente, brilho de joias com que cobria a nudez. Os tranvias illuminados, cortando em mil direcções a cidade, eram pedrarias, aqui se apagando uma para além se acender outra, conforme as ia eu tocando com os meus olhos amorosos

Ella, em baixo, abria os seus braços, entregava todo o seu corpo, a morena Sevilha, offegante e laaciva!

*Era feliz, poderosamente feliz. Sentia, em cada palpação cardíaca, o sangue remocado que se espraia pelo corpo. Foi então que conheci Clara. Ella passava pela *Sierpes*, junto ao *Crédit*,

dos. Regreseei à hiper-civilisação; segui-a e alegre entrei, atrás d'ella, para o seu e meu hotel.

Vergonhosamente a segui como um cão fiel. Vergonhosamente mendiguei um olhar dos seus olhos parados; e contente fiquei ao vê-la um dia no salão de leitura, por que pude dirigir-lhe a p-



Retrato de D. MIGUEL I de Bragança

Copia da tela que está em uma das salas do Palacio Real de Queluz

enigmática, como a vista. A elegancia do seu porte, ultima florea-cencia da moda franceza, quasi immaterial, contrastava com a forte humanidade das sevilhanas cheias de vida, de sangue e de desejos. Todos se voltaram para ella e lhe abriram caminho, como se passasse um andor. Fui logo preso pelo encanto decadente e artificial, esqueci a Vida e a gloria de viver ao sol nos campos fecun-

lavra e pedir-lhe licença para fumar. Apesar da resposta seca, insisti e entabolámos conhecimento.

*Doces foram para mim os dias, em que visitámos Sevilha. A casa de Pilatos e as suas penumbras em que esmaecem estuques e o patio claro de marmores harmoniosos ouviram as palavras aladas que lhe disse; diante das Assumpções do Murillo e dos frades

de Zurbaran, no museu deserto, cantel-lhe o poema do meu desejo; na *Caridade*, a mostrar-lhe a estatua d'Herrera, ouviu a perfumada e embalsadora castilhana. Na *Giralda*, a ver Sevilha doirada, deitada na planície que ondulava, até perder-se no horizonte circular, offereci-lhe toda a minha alma e toda a minha vida. Houve momentos em que seus braços foram a levantar-se para apertar o meu pescoço; julguei sentir seu peito leve arfar de comição: muitas vezes a boca se apertou para a florescencia dos beijos e seus

as manhãs via cair á minha esperança, como as folhas murchas que o vento sacode dos ramos secos.

*Certamente que as minhas palavras deviam ser perturbantes, porque saíam d'um coração perturbado. E, pesadas de tanto amor, caíam da boca vagarosamente. A's vezes os cílios d'outra abatiam sobre os olhos, como n'um espasmo. Mas logo o sorriso abria-lhe a pequenina boca.

*Longos dias, longas semanas, durou o encantado oaristo. Já



Aspecto geral da igreja dos Anjos por occasião das exequias solemnes celebradas por alma de D. Miguel I de Bragança

olhos verdes se encheram de luz; mas rápido, tudo se desmanchava, e um sorriso tremia na boca desmaiada, a mostrar a linha branca dos dentes.

O flirt desabrochava. Uma tarde, nos jardins do Alcaçar, á porta dos banhos de Maria Padilla, passou por mim o corpo delgado, aguil, pela cara roçou o cabelo que tinha um perfume penetrante; falote-me do seu corpo e, sentados no salão dos Embaixadores, estendeu a perna, para mostrar o tornozello fino e a meia *apurié*, que deixou ver a péis branquíssima. Todas as noites eu pensava, que no dia seguinte beijaria a boca perfumada. E todas

não cuidava da gloria da natureza, das apoteoses do sol sobre as aguas azues do rio. Só pensava n'ella, só vivia d'ella.

*Um dia, porém, eu soube! Alguem, com palavras que julgou caridosas, veio pôr no meu coração as sete espadas! A creaturinha delicada e deliciosa, princesa de balada d'hoje, urna de perfume, a quem me entregára como um collegial, era uma aventureira das que frequentam a Riviera no inverno. Aix no verão, Paris na primavera, e que a Sevilha viera atraz d'um clown, que no circo fazia rebentar estrepidos de gargalhadas... Ao seu morbido encanto me prendera, e atraz d'ella me fui a soluçar, flor de lameiro



Translação do corpo de Oliveira Martins para o jazigo mandado erigir por um grupo de amigos no cemitério dos Prazeres
A banda das oficinas de S. José

em que puz todo o perfume suave... Fôra nas mãos d'ella um saxe fragil com que se brinca!

"Ah meu amigo! O desespero e a raiva puzeram máca assassinas a estrangular-me! N'um impeto, como uma aia que nos levanta do peito e nos atira para o ataque epileptico, decidi-me. Levei-a n'um trem para o campo, para além da Cartuja, com um cocheiro de confiança. E ali, desapidadamente, bati-lhe, arranquei-lhe as sedas e as rendas — parecia, nua, entre os trigaes ver-

des, uma magnolia enorme! — e o seu corpo cobriu-se todo de sangue. Clara gemeu, implorando; as lagrimas empastavam a maquiagem; vi-a sordida, enrolando-se para escapar ás chicotadas, e fugi, ebrio, doido, a correr, diante do cocheiro espantado que me meteu no trem e me levou a Sevilha.

"— Señorito, la navaja era mejor, aconselhou-me.
"Parti. Nunca mais soube d'ella. Trouxe-a dentro de mim como um espinho. A dor que lhe causei augmentou a minha penna. De ter visto o corpo magro e branco, ficou-me a ancia de o beijar. Andei, de noite, pelas ruas, a correr sem feitos para fugir de mim e d'ella, porque a figura surgia deante dos meus olhos, bella de toda a perversidade e de toda a lascivia, como uma invencivel tentação, a que o maior santo succumbe.

"A's vezes conseguia dirtrair-me; de repente ella surgia, sentava-se na minha frente, mostrava os vergões das chicotadas, todo o corpo impudico perfumava e brilhava, e a bocca sorria a escarnecer de mim!

"Foi algum filtro que me deu
"Is a esquerda e a eila que novamente me apparece, a prender-me, a levar-me outra vez para a allucinação, a aticar o incendio que me queimara!

"Talvez queira vingar-se!

Não. Não queria vingar-se. Clara veio a Lisboa, soube-o mais tarde, atraz d'um comprario de S. Carlos, seu *avant de cour*.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.



Condução do corpo de Oliveira Martins para o novo jazigo

Maurício de Oliveira
Martins

Dr. Eduardo Burnay
Conselheiro Assessor de Andrade
Dr. Antonio Barros Gomes

Um cultiva a sua intelligencia, vae tomar logar entre os grandes homens: outro occupa-se apenas do corpo, continuará a viver entre o vulgo.

✕

Quantos homens se não importam com as suas terras, e se permitem opiniões sobre as do vizinho!

A respeito de estatuas

Durante estes últimos oito dias tem-se o periodico de Lisboa muito especialmente occupado da interessante questão da Estatua Publica, — seus fins, seus privilegios, suas vicissitudes e suas aberrações.

Das opiniões que por esta occasião se produziram creio podermos deduzir que os seguintes pontos se devem considerar como expressão summaria de uma orthodoxia consagrada pelo assentimento geral:

1.º As municipalidades não devem consentir que se estabeleça o costume de erigir estatuas na via publica sem a intervenção de uma fiscalização rigorosa tendente a evitar abusos perpetrados por pessoas menos idoneas.

2.º Só tem direito á immortalisação pela arte escultural os homens bem averiguadamente grandes. Uma voz respeitavel explica judiciosamente: «As estatuas erguem-as as patrias aos filhos queridos e aos heroes que as serviram e honraram.»

3.º Só o tempo, pelo decorrer dos seculos, nos pode seguramente indagar os individuos que se acham ou se não acham nos casos de serem pelas vias competentes confiados á consagração da escultura.

4.º Não é licito continuar a permitir — por ser ineluctoso — que na adjudicação das estatuas se dê a preferencia a illusorias predileções contemporaneas, deixando em asqueroso e revoltante esquecimento as mais provetas e fulgurantes consagrações historicas. Um auctor exclama com eloquente precisão: «A immortalidade sae do consenso das eras e não da affeição dos amigos. Não ha immortales contemporaneos.»

Sepoño ter felicemente consultado n'esses quatro preceitos os votos expressos de uma consideravel maioria de opinantes.

Ora, uma vez estabelecidos os supracitados principios, quer-me parecer que não ha mais duvidas, não mais equivocacões. A embaraçosa questão da estatuaría civilahi está para todo sempre resolvida e assentada.

Falta apenas que a vereação municipal ponha essas quatro regras em edital, ou que o governo as converta em decreto, apressando-se a nomear para este novo serviço de fiscalisação e de policia o respectivo pessoal

com os seus competentes vencimentos, ordenados, gratificações, despesas de representaçáo e ajudas de custo.

A nova repartiçáo não vae ser, como outras, uma sinecura. Um dos jornaes a que me estoi referindo, affirma com a mais afoita convicção que «em cada linha da nossa historia se encontra a memoria de algum que foi grande e que hoje a nossa geraçáo desconhece por vergonha.»

Basta de desmemoriamento e de incuria! Elle ha em cada linha da nossa historia! Os que temos rigorosa obrigaçáo de monumentalisar sem perda de um momento polulam e ferrilham aos milhões no Herculanó, no Chagas, no Innocencio. Pois senhores, a elles!

Creio que antes de mais nada, se terá de proceder a um cadastro geral da nossa prodigiosa riqueza publica em celebriedades. Em seguida convirá de certo que as mesmas celebriedades se classifiquem sistematicamente por ordem chronologica e por ordem alphabetica. Depois do que ellas principiaraó a ir, devidamente estampalhadas e munidas do seu competente selo, á nova officina do verpeoso dos genios e dos heroismos patrios. Finalmente, ouvido, como será de razáo, o Estado Maior General do Exercito, a Majoria General da Armada, a Direcção da Instrucção Publica, a Torre do Tombo, e Academia Real das Sciencias, o Escrivão da Nobreza e a Procuradoria Geral da Corça, se apurará o sujeito destinado a passar á posteridade em pedra lavrada ou em bronze fundido. Tenho para mim que o primeiro naturalmente designado, por ordem das seisentas mil lacunas existentes, será o nosso bem conceituado Viriato. . . a não ser que o não menos cotado Sertorio venha a furar essa candidatura por meio de mais empenho.

E assim annualmente, por hienios ou por trienios, segundo possa ser, se iráo a pouco e pouco povoando, pacata, comedida e regularmente de imagens indiscretamente venerandas todas as nossas praças, ruas, travessas e bicos.

Os contemporaneos illustros nada terão que perder com o advento das novas disposições administrativas destinadas a regular os serviços posthumos da munificencia nacional. Elles terão apenas o leve incommodo de esperar que lhes chegue a sua vez d'aqui a mil e quinhentos ou a dois mil annos, o que para os grandes homens, principalmente depois de mortos, se me figura vir a ser uma coisa tão facil de engolir como para nós outros um ovo morno.

E por meio de tão sabias disposições Lisboa logrará enfim todos os saluberrimos beneficios de uma estatuaría garantidamente honesta, decente, ao abrigo de trapaças, de invejas, de desfrutes e de picoinhas, e dará a mais memoravel prova da cordura das nossas instituições artisticas no universo espantado.



Junto do novo jazigo de Oliveira Martins no cemiterio dos Prazeres

Os reporters

Kamalho Ortigio complimentando Teixeira Lopes

Conselheiro Anselmo de Andrade

Porque a verdade é que em todo resto do mundo sempre as coisas se passaram de um modo bastante diferente d'aquelle que tantos cavalleiros de Lisboa desejam que se estabeleça.

Em primeiro lugar nunca, das nossas fronteiras para fóra, se concebeu jamais que as estatuas possessem dar a immortalidade a quaisquer outras pessoas que não sejam os artistas que as fazem. A subtilidade de esperar pela famosa sanção das eras para o fim de esculpir e de offerecer aos olhos de um povo uma bella figura d'homem ou de mulher nunca nem de leve passou jamais pela escandecida imaginação das gentes.

Os gregos e os romanos, os primeiros esculpturistas de todo mundo, nunca levantaram estatuas senão aos seus coevos. E até para expressar concepções sobrehumanas, para povoar de divindades os seus templos, elles desnutraram, fizeram postar, e fielmente reproduziram as vivas e palpantes formas das suas hetairas e dos seus ephobos. Todos sabem que as divinas Venus de Praxiteles não são senão fiéis retratos de Phrynea, a cortezá, cuja peccadora carne os magistrados belletos julgaram sagrada, por a considerarem indispensavel aos esplendores do Olympo.

Nunca tambem uma estatua se confundiu com uma affirmação de critica historica. As especulações d'essa ordem tinham-se por extranhas á concepção artistica; eram do dominio dos philosophos, dos historiadores e dos poetas epicos, e estavam a cargo de Homero e de Virgilio, de Herodoto, de Xenophonte, de Tacito, de Tito Livio e de Suetonio. Os esculptores contentavam-se em fazer estatuas inexcelsivelmente bellas, seguros de que bastava esse condão divino — o da perfeita belleza — para que a posteridade considerasse os que lhe haviam servido de modelos como grandes, sacrossantos, eternos e immortaes.

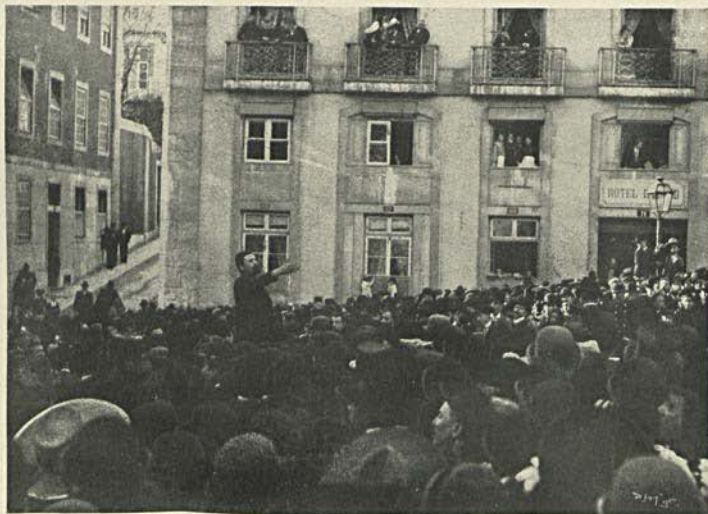
Vejamos como se procedia em Roma, em Athenas, em Corinto, no Peloponeso, na Bretania e na Sicilia á selecção das pessoas destinadas á honra de serem esculpidas.

Entra um homem de espirito avido e de coração humilde, alvorçado e tremulo, nas portentosas galerias que atravez da velha e benigna Italia attestam o mais culminante esforço do homem na conquista da summa belleza. Quem são os privilegiados seres que a esculptura grega, romana, hellenistica e etrusca nos representam? A quem penetra pelo augusto portico *dei copolacori*, no museu de Napoles, entre o delicioso grupo de Electra e Orestes e as divinas imagens de Pallades, de Juno e de Diana, em frente, no primeiro logar da sala, aos olhos deslumbrados de quem chega, exibem-se gloriosamente, em macio marmore ternamente alourado pela cariciosa luz de vinte e cinco seculos, de corpo inteiro e de tamanho natural, as intrepidias e intemeratas figuras de dois regicidas, Harmodius e Aristogiton, os que apunhalaram Hipparco, filho de Pisistrato. Se incommodassemos a nossa critica philosophica para qualificação d'esta obra ella se deveria destruir como a apothese d'um crime de lesa-majestade. Mas ninguém teve jámais o inconcebivel pedantismo de a classificar assim. Ella é simplesmente uma das mais preciosas joias artisticas de toda a Italia. E' na historia da arte a peça capital de confronto com as metopes do templo de Juno. E' o inestimavel documento da velha escola attica, é a sagrada glorificação do artista que a concebeu, Anágoras, amigo de Phydias.

Depois, n'essa galeria de Napoles, como nas de Roma, de Florença, de Palermo, no Braccio Nuovo, no Museu Chiaramonti, na Sala Rondona, no Museu do Capitolio, na Villa Borghese, na Villa Ludovisi, nas Thermas de Diocleciano, na Villa Julia, etc., passa a extensa fila das divindades e dos mitos, deuses, deusas, vestaes, amazonas, ninfas, graças, bacantes, sacerdotes, fannos, satyros, silenos, centauros, as musas e os



Túmulo de Oliveira Martins
Trabalho de Teixeira Lopes



A manifestação dos estudantes junto da estatua de Eça de Queiroz a 22-11-1903

amores. Seguem-se imperadores, reis consules, triunfos, deuses, pretores, filósofos, letrados, oradores e poetas, dos quais só se conhecem os nomes que perpetuou a história. A intervenção da arte não modifica nem para mais nem para menos a opinião que se tem de cada um que se conhece. Nero não se nos figura melhor do que foi perante os numerosos bustos que lindamente o representam; nem Homero é menor poeta nem existe menos hypotheticamente em nosso conceito depois de contemplado o maravilhoso marmore que tem a pretensão de o retratar entre as obras primas da collecção napolitana.

Mas as mais impressivas, as mais invasivas, as mais dominadoras obras da escultura grega ou grego-romana são as que representam os indivíduos mais obscuros, os que a história os inteiramente esqueceu ou que assignalou com ferretes mais ou menos suspeitosos: os efebos, os gladiadores, os luctadores, os pugilistas; aquelles de que apenas se conhece a physionomia de raça, um romano, um grego, um dacio, um partha, um gaio: os que unicamente se caracterisam pelos seus respectivos attri-

quico, alto como uma lança de guerra. A cabeça um pouco descaida parece vergar ao peso de um pensamento saudoso vagamente esboçado numa physionomia impenetravel e dura, quasi que ferozmente mystica. E todo o pontificado romano, todo o sacerdotio catholico, mantenedor do fogo espargido que incendiou Sodoma, vela diligente pela inviolabilidade da estatua de Antínoo, porque como soberano lrio de belleza esse radioso marmore, tem perante todos as religiões do mundo o immortal privilegio de um toque divino.

Do criterio da Renascença enquanto aos titulos de cada um á honrificação escultural citarei apenas as duas mais bellas estatuas equestres, os dois mais soberbos e heróicos bronzes, que da negra cruz da terra altamente afluam para o infinito azul. Um d'elles está em Padua, de frente da igreja de Sauto Antonio, e é de Donatello. O outro acha-se em Veneza perto da antiga Scuola di S. Marco, e é de Verrochio. Essas duas estatuas representam dois simples aventureiros, dois mercenarios, dois *consolieri* dos antigos bandos d'assalto e de rapina que foram a chaga



Manifestação dos estudantes junto da estatua de Eça de Queiroz a 22 11-1903

butos um letrado, um medico, o que tira o espinho, o que afivela o co-turmo, o que morre na arena, o discobolo, o apoxiomenos, o doriophoro, o trapisophoro. As estatuas d'esta categoria são numerosissimas. Serviam muitas as que desapareceram. Plinio conta que por occasião dos jogos olympicos se levantavam estatuas a todos os vencedores. Os campeões, triumphadores por tres vezes, tinham jus ao retrato em marmore ou em bronze.

Teria de vencer algumas difficuldades de estilo metaphorphico se pretendesse fazer saber o que é um ephobo aquelles dos leitores que por ventura o ignorem. Pretiro aconselhal os a ler o *Banquete*, de Platão. *Os doze Cesares* de Suetonio ou a *Metaphysica do amor*, de Schopenhauer.

Na escultura os efebos são bellos adolescentes de formas exquisiteiramente delicadas, de ondulações enigmaticas de um penhor femiln, fortes de musculos como bems tronados no disco ou na luta, dóes da physionomia como tendo nos olhos languidos um perdão que pedir. Dos equivoos modelos d'esse escabroso genero ha um que tem nome. Chama-se Antinoos. Sabem onde está a mais bella das toleradas imagens d'esse favorito de Adriano? Está no coração do Vaticano, na privilegiada Sala Rotonda. É uma estatua colossal em marmore branco, de uma magestade heroica. Sobre a sua cabeça, corada de louros do Jannico, resplandece a pluma de ontro, sob que se representa Dionysos. O busto ostenta o mais bello arabouço d'atleta. Com a mão esquerda empanha o tyso ba-

mortal das republicas italianas. O de Padua chamou-se Gattamelata, o de Veneza Coliceni. Ambos morreram rigguissimos o por verba testamentaria pagaram antecipadamente os bronzes que se lhes consagraram.

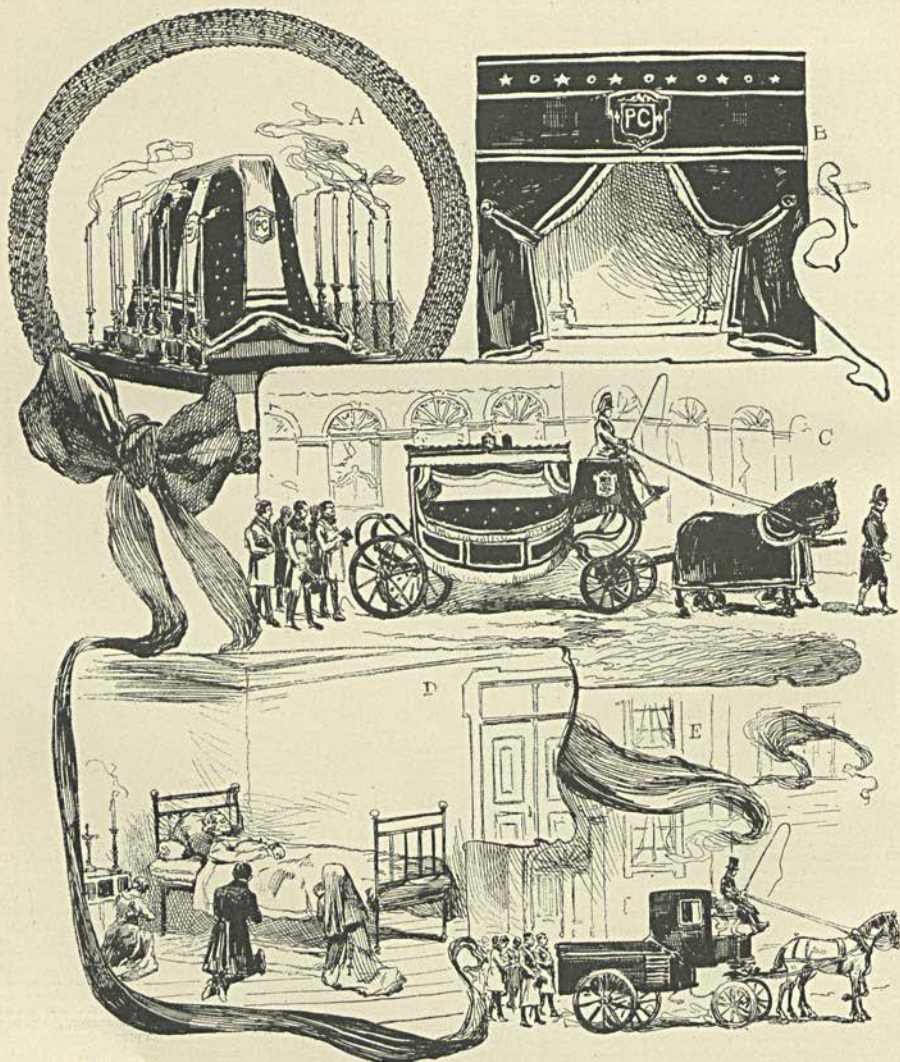
Em nossos dias os monumentos de escultura publica procedem ordinariamente de duas origens: a intervenção politica e partidaria, que por meio d'esses monumentos procura assignalar datas ou factos memoraveis, e a iniciativa particular, que d'esse modo tenta exprimir um sentimento de respeito, de gratidão, ou de carinho. Todos os paizes cultos se vão dia a dia enchendo d'esses consoladores testemunhos de que a civilização moderna, que tantas bellas coisas tem desarraigado da terra, não consegue arrancar ainda, antes parece cultivar com recodito desvello, a doce flor de piedade e de ternura que ainda é susceptivel de produzir o coração do homem. Em Hespanha, em Franca, em Inglaterra, na Italia, na Alemanha, na Hollanda, na Austria, nos Paizes scandinavos, nos pateos dos museus, das universidades e das escolas, nas praças de pequenas villas, sob a sombra protectora das mais velhas arvores de pequenas aldeias se consignam pela pedra ou pelo bronze esses sympathicos depoimentos da agradecida affeição que voltaram os vivos aos mortos que os ensinaram, que os instruíram, que os defenderam, que com elles repartiram a força, o saber, a bondade ou a alegria que consigo trouxeram ao mundo. Em Portugal só ha pouco tempo se iniciou esse uso, e successi-

vamente se erigiram monumentos da natureza d'aquelles a que me refiro a Julio Machado no alto de S. João, a Oliveira Martins nos Prazeres, a Sousa Martins e a Eça de Queiroz. E Lisboa, a quem cabe a legítima gloria de ter dado ao resto do paiz esse bello exemplo, parece agora inclinada a pegar á bulha consigo mesma por o ter dado, e pergunta pharisaicamente que direitos tem certos mortos para preterir perante uma commemoração publica outros mortos que os precederam.

Respondo que tem um, e esse dos que é prohibido discutir. Tem o direito á sandade d'aquelles que os conheceram e os trataram — pela bondade do seu coração, pelo encanto do seu espirito, pela limpidez da sua honra e pela dignidade da sua vida. Se não foram satisfactoriamente illustres, foram sufficientemente amados. E isso basta.

RAMALHO ORTIÇÃO.

A morte do conselheiro Pereira Carrilho



Croquis de Legrand, Paris.

A) Catafalco na igreja de St. Lambert de Vaugirard, na cerimonia fúnebre de 23 de novembro 1903.

B) Decoração do portal da igreja. — C) Trecho do cortejo saído da igreja depois da cerimonia. — D) Camara mortuaria na Casa de Saude da rua Blomet.

E) Condução do corpo da Casa de Saude para a igreja de St. Lambert.

Pereira Carrilho

A SUA ÚLTIMA VIAGEM

Vi-o, pela ultima vez, em Paris, n'esse Paris aonde tantos vão em procura de gozo e de estontamento e que para elle foi, quasi sempre, calvario de maguas e de dores, tantas as luctas e inquietações a supportar em cada travessia. Nas suas viagens sem numero por essa terra decantada não teve tempo de travar conhecimento com as suas alegrias e delicias, de regular o espirito na divagação despreocupada e feliz por aquellos *boulevards* ou pelas alamedas floridas dos bosques em primavera, de recrear os olhos nas téias e esculpturas dos museus, de deliciar o ouvido em noites festivas de theatro. Na sua bagagem ia sempre uma missão espinhosa e delicada que o affligia e torturava na incerteza da victoria, montões de algarismos a pôr em ordem, problemas complicados a discutir, planos a apresentar, difficuldades a destruir, de maneira que toda a sua curiosidade e intelligencia para outro ponto se não podiam desviar, tão prezas andavam á batalha a emprender. E,



Conselheiro Pereira Carrilho

† em Paris a 16-11-903

entretanto, quantas e quantas vezes a maledicencia segredava ingratições e injunctas, só vendo em cada jornada pretexto para dar á alma jubilos do bem estar e á bolsa proveitos que ella não tinha!

Correu mundo, atravessou outras paisagens, falou outras linguas, frequentou outros meios, e, contudo, só viu o seu paiz, só viu a sua patria, que elle procurava bem servir e amar e defender do egoismo dos outros. Quantas noites perdidas nos seus aposentos do Grand Hotel, ao mesmo tempo que Paris lhe passava sob as janelas cantando os seus prazeres, rindo loucamente, seductora e bella no seu carro triumphal de rainha e deusa! E quantas lagrimas, quantas torturas e desesperos para se não deixar succumbir na lucta que tinha a sustentar, para que a sua voz se fizesse ouvir, os seus argumentos valessem de alguma cousa, o seu patriotismo não fosse enxovalhado e por tanto o seu coração maguado tambem não fosse! Porque, se todos nós que andamos por aqui, em familia, a desdenhar da patria, a descobrir-lhe os defeitos, a não lhe disfarçar os males, temos lá força ganas de esmagar quem a belisque, embora de ligeiro, elle quanto soffreria por ter muita vez de confessar-lhe os erros e de implorar para ella a graça de um sorriso?

Já de ha muito, quando a minha estada em Paris coincidia com a sua e eu ia visital-o como seu compatriota e seu subordinado, elle ouvia dizer:

— Estou cansado... Que venha outro... eu já não posso luctar.

E, entretanto, luctou, luctou sempre e triumphou, porque as suas qualidades de actividade, de preservecção e de trabalho eram excepções e tão grandes que, sem surpresa, o guindaram da humidade á apothese.

Vi-o ultimamente em Paris. Constando-me á sua chegada e sabendo da sua doença, entendi ir prestar-lhe a minha homenagem de sympathy. Dirigi-me á *gare do quai d'Orsay*. Estava lá Domingos d'Oliveira, nosso conselheiro amigo intimo e dedicado de Pereira Carrilho. Falei-lhe e encontrei-o preocupadissimo com o mal de que o seu melhor amigo soffria e com a incerteza do resultado da consulta que sabia elle ia fazer a uma celebridade medica. E Domingos de Oliveira, ao mesmo tempo que preparava um falso bom humor para o acolher, para o animar, para lhe dar coragem, tritura dores e receios de que aquella vida que elle tanto prezava por lá ficasse sem ter á despedida carinhos de familia, carinhos dos seus amigos.

O estridido da locomotiva bateu pelas arcadas da *gare*. Olhámos o relógio; era a hora do comboio. Pelas escadarias começaram a subir os que chegavam: e quantos d'elles traziam á flor dos labios as alegrias do coração! Aproximámo-nos mais da grade e entre um grupo reconhecemos a figura de Pereira Carrilho avançando no seu passinho curto, a cabeça levantada, o olhar investigador, como que procurando alguém. Avançámos ao seu encontro... Antes de não fizessemos, iamos a dizel-o, como se na vida nós andássemos apenas para rir, para gozar e nunca para soffrer.

Havia mezes que eu não lhe falava. Se á côr doentia que lhe notei pude attribuir engano meu devido a qualquer effeito da electricidade que nos allumia, ao ouvir o vi que a realidade era effictivamente dolorosissima.

Mal comprehendi as palavras que lhe escutava, difficilmente respondia ás perguntas que me dirigia porque o meu ouvido apinhado de surpresa não as entendia. Demorei pouco a minha entrevista. Trocamos um abraço. Deixei-o na companhia de Domingos de Oliveira, que lhe procurava a sua bagagem, acendi um cigarro, puz-me a caminho a pé do caes para os *boulevards* e da minha ideia não se apagava aquella transformação que eu acabava de ver, elle que fora sempre actividade, movimento, trabalho, vencido, caído, esmagado fatalmente para sempre.

E n'esse trajecto pela praça do Carroussel pelas Tuileries, pela praça Vendôme e *boulevards*, até a casa, eu, digo-o sinceramente, não dei pelos que juntos de mim passavam, mulheres por mais lindas ellas fossem, tão impressionado ficára, mais pensando na morte do que nos jubilos da vida.

Ao annunciarem-me, d'ahi a dias, que Pereira Carrilho morrera e morrera sem soffrimento, senti que a minha alma me dizia: Tranquilizate: foi melhor assim.

No dia seguinte dirigi-me, de manhã, á casa de saúde, na rua Blomet, a Vaugirard, um dos sitios mais afastados do centro de Paris, a fim de me informar de qualquer cerimonia a realisar-se. Eu que durante a vida nunca me allistara nas suas *coteries* favoritas, que não andára a incensal-o recendo que em cada espiral de fumo do meu turbulido viesse a mais pequena louvaminha interessante, eu, entretanto, porque o admirava, como trabalhador e como honrado, não queria ali deixar de lhe prestar cultos e homenagens, tanto mais que esses meus preitos se não podiam attribuir já... ao dia de amanhã. Mas, longe dos seus, perdida a noticia da sua morte no meio d'aquelle turbilhão enorme, onde o mais apregoado e festejado não passa de um anonymo, julguei que indo nós vel-o e acompanhál-o, leváramos-lhe tambem um pouco do seu lar, um pouco da sua patria.

Logo que entrei na casa das irmãs de Maria veio ao meu encontro uma d'ellas, aquella que lhe fora enfermeira dedicada, que o animára com as suas palavras de bondade e de carinho na vespéra da operação. Contou-se o que se passára n'um tom de sentida máguia, a alegria que todos haviam experimentado ao ver como essa operação tinha sido bem succedida, a dôr em que, d'ahi a instantes, aquella alegria se transformára vendo-o prostrado n'uma syncope para não mais d'ella acordar.

Morreu... sem dar por isso! afirmava-me a boa irmã, e convidava-me a ir á camara mortuaria para o ver. Hesitei naturalmente, depois accedi ao convite.

Atravessamos largos corredores, passámos juntos de outros aposentos onde alguns doentes soffriam acalentando esperanças de cura. Tudo aquillo tinha um aspecto muito limpo, muito cuidado, muito carinhoso, mas era triste no fundo. A irmã abriu a porta de um quarto e chamou a attenção do meu olhar para o corpo que ali estava estendido. Quasi que o não conheci. A mesma fronte emoldurada á farta de cabelo que a geada de muitos invernos havia embranquecido; a cara, porém, estava completamente rapada. Desapparecidos esses característicos de originalidade a que sempre nos habituáramos, a sua phisionomia dava-me assim a impressão de ser a de outro homem. O operador exigira ao seu doente... aquelle sacrificio.

Velava o corpo uma outra irmã, murmurando as rezas. A outra que me acompanhava cerrou-lhe um pouco mais as palpebras, ajoelhou os dois, e em seguida saímos ambos do quarto e voltámos pelos mesmos corredores que uma pallida claridade de manhã de novembro mal illuminava.

— Parece que está dormindo, não é verdade? dizia-me a irmã pelo caminho. Não causa o menor terror...

— Pelo menos, respondi, muito menos do que da ultima vez que ainda o vi com vida.

E era bem verdade.

Quando o acompanhámos da casa de saúde para uma das capellas da crypta da igreja de Saint-Lambert, n'um grupo de patricios e de amigos, os seus mais intimos, os seus mais dedicados, tinham como lenitivo á sua saudade aquella mesma impressão de que mais valéra morrer assim do que morrer a pedaços.

THEATROS

D. Amélia — Tragedia antiga, A Encruzilhada, Auto Pastoral. **D. Maria** — Dolores. **Príncipe Real** — Anjo da meia Noite. **Gymnasio** — Casados Solteiros.



Espectáculo deveras sensacional, o de **D. Amélia**, na noite de 19 d'este mez. O *Dia* fora buscar lá fora a ideia feliz de aguar, por um concurso publico, a curiosidade litteraria, de suscitou o despertar apitidos inculhados ou adormecidas. De nomes laureados formou um jury, que de cincoenta e oito trabalhos dramaticos deu preferencia a tres, firmados por homens ainda moços, que, tendo já aberto carreira nas letras, não tinham encostado ainda a do theatro.

Tragedia antiga, A Encruzilhada, Auto pastoral são os tres originaes portuguezes a que deram vida no palco de **D. Amélia** os melhores artistas d'aquelle theatro. Cesar Porto firma o primeiro, Silva Gayo o segundo e Pedroso Rodrigues o ultimo. E é caso para repetir ainda uma vez as palavras sagradas: os ultimos serão os primeiros. O Auto Pastoral é das tres peças a que tem mais qualidades. De um lyrismo delicado e absorvente, tem largueza de traço e primores de linguagem poetica, dando relevo á acção que, pelo desdobraimento racional das

scenas, interessa o publico. A asserção de que o autor é um lyrico ninguem o contestará: que lhe é familiar o verso e que a linguagem theatral lhe é facil, provam-o á evidencia este seu primeiro original siguelo, fluente, cheio de encanto litterario.

Tem novidade e brilho o papel do cego, e ás figuras de camponezes desenhadas no Auto dão curioso relevo Ross Damasceno, Brazão e Alves, que d'essa pequenina peça fizeram ao mesmo tempo um espectáculo atraente, poetico e pittoresco.

As comedias de Silva Gayo e Cesar Porto tem valor litterario e brilho de dialogo, mas os defectos sobrepajam as qualidades. De nenhuma d'ellas resalta nitida a acção e a ideia inicial, ou, chamemo-las assim, a these theatral esbata-se e dilui-se demasiadamente na extensão de scenas que não interessam, de dialogos que excedem a medida. E aqui temo nove rapazes de valor que não conseguiram no primeiro assalto vencer o reducto e que não podem dizer, como raros dirão: cheguei, vi e venci.

Dizemo-l'h'õ assim, chãmente, porque a sinceridade, que pode converter-se n'um estímulo, só merece louvores.

Mannel da Silva Gayo é um nome feito ha muito nas letras, onde tem revelado qualidades de artista, de critico e de observador. Se quizer elle memo



M, da Silva Gayo

fazer a critica do seu primeiro trabalho theatral, se quizer observar, não terá difficuldade em reconhecer que o seu talento pede ir muito além, que na arte de emocionar um publico atraves da dicção do actor ha segredos infinitos, que, se bem serem em grande parte desvendados, deixam incompleta, manquée, desvalorizada a obra do escriptor, muito embora ella venha recheada de boa e valiosa litteratura. Sirvam-lhe de exemplo George Sand, que se salvou n'uma peça, Balzac que se perdeu em todas. O theatro tem esconderijos que só se revelam a olhos predistendidos. A sua technica, a sua charpenterie, parecendo á primeira vista coisa simples, facilissima de execução, é a mais complicada de quantas se conhecem em todos os campos da litteratura. Apprehendê-la, n'um relance, fixa-la e depois reproduzi-la, é privilegio de poucos. Sem que muitas vezes o talento seja o elemento principal da conquista e do triumpho. Dispõem d'esta facilidade rara os dois moços escriptores que pela primeira vez appareceram no tablado de um theatro? Meditem bem n'estas verdades que já passaram a axioma, estudem, emendem a mão, tentem obra nova e appareçam com ella em scena, que cá ficam esperando o reaparecimento, de pena em punho, os que se reservam para lhes dar applausos e louvores com a mesma boa fé com que hoje lhes dizem... verdades.

Comedia é drama, mais comedia que drama, accentuadamente hespanhol, a *Dolores*, de Fellin e Codina, que se está representando com exito em **D. Maria**, tem todas as qualidades e todos os defectos d'aquelle theatro sui generis. N'elle, o amor é impetuoso, arrebatado, e até na phase do galanteio e do madrigal parece haver o que quer que seja de forte e de vermelho como um laivo de sangue.

Ha de tudo isso e á falta na peça hespanhola, á qual, em correctas, sonoras e formosas redondilhas, o sr. Coelho de Carvalho deu vibrações na lingua portugueza.

Na *Dolores*, criada de estalagem, passa, vive, ama, a mulher da Hespanha, com toda a impetuosidade do seu caracter, com toda a graça do seu donaire, com toda a força da sua alma, com toda a provocação do seu sorriso. No seminario ha a valentia, a coragem, a modestia e o amor, tudo isso na sua intensidade maxima. São ainda qualidades bem hespanholas as que caracterizam todos esses galanteadores, que fazem cerco á dama, como nós diriamos, poltrões que se apresentam como matamosquitos, ricacos que com o seu dinheiro julgam conquistar o mundo e a hora, toda uma galeria de typos em que abundam as varias qualidades de uma rapa, aquecida pelo sol de Aragão, vivendo menos da lucta da existencia moderna, do que das lendas do passado, com toda a sua originalidade e com toda a sua poesia.

Tendo um pouco da *Carman*, um pouco do *João José*, de direito a *Dolores*, já despenhadas em Lisboa pela Gacettero, faz parte d'essa vasta galeria, na qual se podem ver a pulsar os sentimentos de um povo, em que os nervos parecem vibrar mais rijamente que os do resto da humanidade, em que o sangue está com mais força, a alma tem mais fremido e a linguagem é talhada para dar á maravilha toda essa exuberancia de sentir, todo esse excesso de vida.

Essa creatura prototypica — a *Dolores* — encarnou-se excellentemente em Angélica Pinto, que está correndo toda a gamma, passando com uma facilidade



Pedroso Rodrigues

ascendebra da opereta para a comedia e da comedia para o drama. Se ella se lembra um dia de fazer a *Marie Stuart*, a *Myrrha* ou a *Phedra*, é cousa que já nos não surprehe.

Luiz Pinto fez no seminaria o seu primeiro papel, não ha duvida. Sobriedade de processos, gosto largo quando é preciso, correcção e naturalidade no dizer do verso, patico e fogo nas grandes scenas, pede a critica secundar os applausos do publico, que não é injusta por isso.

Menos vividos, menos intensos, são contado interessantes os outros personagens que na peça se movem, e a que procuraram dar todo o relevo scenico, a Faico, Fernando Maia, Ferreira da Silva, Joaquim Costa, Carlos Santos e outros ainda.

Na scena de Aragão, que pintou para a *Dolores*, Manini é o grande artista de reputação já consagrado por innumeros trabalhos de valor.

Ha uns bons quaranta annos que nossos paes e avós applaudiram o *Anjo da meia noite*, hoje em scena, com exito crescente, no theatro do *Príncipe Real*.

Peça symbolica, phantastica, mettendo anjos e diabos, figurando a eterna lucta entre a medicina e a morte, agora comedia, drama d'ahi a pouco, qual sempre magica, eis o que é o *Anjo da meia noite*, que enche o velho theatrinho sempre que o cartaz o annuncia.

Os actores que lá estão não tem vaidades, nem podem pretender que se lhes chama Coqueilins ou Novellis. Feita esta restricção e dada a necessaria reactividade, é incontestavel que, d'entre elles, se salientam no desempenho e arran-



Cesar Porto

cam applausos justos ao publico, Alves da Silva, no papel de medico, Pedro Cabral, Adelinha Nobre, Adelaide Coutinho, Roque, Pinto Costa e Eduardo Vieira.

No *Gymnasio* continuam os *Casados solteiros* a atrair tanto soliteiros como casados, e podiamos acrescentar que tambem lá não tem faltado os viúvos. E' que a peça allemã, que o sr. Xavier Marques naturalizou, pela graça portugueza e pela correcção da linguagem, tem todos os elementos do agrado, á bem uma peça do *Gymnasio*, em que o publico só exige uma coisa simples: que o faça rir. Essa exigencia realisa-se á maravilha esta peça. E' por isso que a achamos optima.

JAYME VICTOR.

BRASIL PORTUGAL

Composição e Imprensa

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde starão, 30

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Paginas supplementares: Off.º Estevão Nunes & F.º
Rua d'Assumpção, 18 e 24

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Luiz Tavares
Secretario da redacção — João Costa
Editor — Luiz Antonio Sanchez
Redacção e administração — C. do Sacramento, 14, 3.º
Erd. telegraphico — BRATUGAL — LISBOA

ASSIGNATURAS

| ESTADOS UNIDOS DO BRASIL | | PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA | | ESTRANGEIRO | |
|--------------------------|--------|---------------------------|--------|---------------------|-------|
| Anno | 36,000 | Anno | 2,500 | Anno | 7,500 |
| Numero avulso | 2,000 | 6 meses | 12,000 | 6 meses | 3,000 |
| Moeda brasileira | | 3 meses | 6,500 | Numero avulso | 200 |
| | | Numero avulso | 2,500 | | |

SUMMARIO

TEXTO

Chronica — BARBOSA COLEN.
Bois vindas — CUNHA e COSTA.
Política internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.
Figurinhas de cera e de seda — CLARA (Conto) —
HENRIQUE DE VASCONCELOS.
Pensamentos
A respeito de estatuas — RAMALHO ORTIGÃO.
Pereira Carrilho — A sua ultima viagem — C.
MOURA CABRAL.
Theatros — JAYME VICTOR.

GRAVURAS

RETRATOS — Afonso XIII; Rainha Christina; Princes das Asturias; Princesa das Asturias com seus filhos os Infantes D. Afonso e D. Fernando; Infantes D. Maria Theresza, D. Isabel e D. Eulalia; Afonso XIII, a cavallo; Villa-Verde, Presidente do Conselho de Ministros; Belchior Fernandes, inventor do balão «Lusitano» e os seus dois companheiros Cesar Marques e José d'Almeida; Dr. Agostinho Lucio da Silva, medico e deputado; Francisco José Ferreira Lima, engenheiro; D. Miguel I de Bragança (copia da tela que está no Paço de Queluz); Conselheiro Pereira Carrilho; Manuel da Silva Gayo, Cesar Porto e Pedroso Rodrigues, autores das tres peças em um acto representadas no theatro D. Amelia.
EXCURSOS DE D. MIGUEL — Vista interior da igreja dos Anjos.
OLIVEIRA MARTINS — Tradução do seu corpo para o novo jazigo no Cemiterio dos Prazeres; o Tumulo; outros aspectos.
EÇA DE QUEROZ — A manifestação dos estudan-

tes junto do monumento do Largo do Quintella.
A MORTE DE PEREIRA CARRILHO — Varios croquis da casa mortuaria e das cerimoniaes feitas em Paris.

27 Illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

Nas Ilhas

FATAL (HORTA) — Manuel Emygdio Gonçalves.
MADEIRA — H. Vieira de Castro, director do Banco de Portugal.
S. MIGUEL — José Claudio de Sousa.
TERCEIRA (Angra do Heroísmo) — Manuel Eusebio de Sousa — Rua da Sé, 63-64.
S. JORGE (Calhetas) — Augusto Azevedo Ferreira da Cunha.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Cléber, 30.

Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso Francesa — Rua Afonso de Albuquerque.

No Brasil

RIO DE JANEIRO — (Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodoro Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua de Alameda, e alameda).
PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira — Rua Primeiro de Março 14.
PELOTAS, PORTO ALEGRE e RIO GRANDE DO SUL — Pintos & C.º — (Livreria Americana).

CAMPOS — Santos Moreira & C.º — Estado do Rio de Janeiro.
PARA — J. B. dos Santos — (Livreria Classica) — Rua João Alfredo, 59.
MANGUE — Jayme de Camargo — Livreria Classica — Rua Guilherme Moreira.
MARANHÃO — Roberto Majoli — Caixa do Correio n.º 4.
BAHIA — José Luis da Fontes Magalhães (Livreria Magalhães) — Rua Direita do Palacio, 58.
VICTORIA — Estado do Espirito Santo — Guinardes & Coutinho — E. da Alameda, 18.
S. PAULO — Abreu, Irmão & C.º.
SANTOS — Zepherino Lourenço Martins, vice-consul de Portugal.
AMPARO — Dr. João Guedes, Rua do Capitão Miranda, 8.
RIBEIRÃO PRETO — A. Vianna Pinto de Sousa, vice-consul de Portugal.
RIO SOLIMÕES — J. C. Mesquita (Casa Anderson) — Manaus.

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Diogo de Paris.
SILHA — Antonio Francisco Souto.
MOSSAMÉDES — Joaquim Teixeira — Assumpção.
QUEILIMANE — Henri José Jorge de S. N. Yves.
BENGUÉLLA — Math. de S. Yves.
LOURENÇO MARQUÊS — D. Bern.º de Heitor da Silveira de Lorenza.
S. THOME — L. A. B. Alves Mendes

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

MAGNIFICO SORTIMENTO DE FAZENDAS
NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FURNITURES DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.º

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 120, 152, 164 e 166 — LISBOA

Prescrittissima em sua maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Atelier mechanico para confecção de uniformes. Gerente em sua todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preço.

Conselho d'Amigo...
Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

AS NOSSAS GRATURAS

A absoluta falta de espaço não permitiu que dessemos, ainda que ligeiramente, nas paginas da Revista, o artigo elucidativo das gravuras que saem no presente numero.

— A proposito da proxima visita do rei Affonso XIII de Hespanha, damos os retratos de S. M. e de toda a familia real, assim como o do illustre estadista que preside ao ministerio hespanhol e que estava para acompanhar a Lisboa o seu soberano.

Damos retratos dos tres passageiros do balão «Lustitano», invenção do sr. Belchior Fernandes, na sua ultima viagem, não só porque foi a mais recente mas tambem, e com profunda magos o

escrevemos, porque a carencia absoluta de noticias sobre o paradeiro dos tres aeronautas faz prevêr que elles tenha' encontrado a morte n'essa viagem aerea, tto infelizmente apprehendida.

Damos tambem o retrato do illustre engenheiro Francisco José Ferraz Lima, a quem nos referimos no n.º 114, ao reproduzirmos gravadas umas interessantes photographias por elle cedidas sobre as experiencias da canhoneira Patria.

De dois acontecimentos succedidos n'esta quinzena — a traslatação do corpo de Oliveira Martins para o novo tumulo mandado erigir no cemiterio dos Prazeres por um grupo de amigos e admiradores do grande escriptor; e a manifestação dos estudantes de Coimbra e de Lisboa

junto da estatua de Eça de Queiroz — encontrámos os leitores varias gravuras, assim como, a proposito do anniversario da morte de D. Miguel I, uma vista geral da egreja dos Anjos e a copia do retrato de D. Miguel que existe ainda no Paço de Queluz.

O acontecimento mais triste da quinzena foi o morte do conselheiro Antonio Maria Pereira Carriho, em uma casa de saude, de Paris, minutos depois de ter soffrido uma dolorosa operação. O croquis que damos em pagina foi feita em Paris, expressamente, para o «Brasil-Portugal» que, dando hoje o retrato do dr. Agostinho Lucio de Silva, illustre medico e amigo dedicado que acompanhava Carriho até á morte, presta homenagem a um dos clinicos mais sympathicos da capital.

O CARTAZ DA QUINZENA



Gymnasio — Está em ensaios para festa artistica do actor Telmo um novo *arreglo* do allemão feito pelo sr. Freitas Branco e intitulado *Bode expiatorio*.

Rua dos Cordes — Abre com uma empreza a 5, dando uma opereta parodia do *Homenes das maras* e intitulado *Homenes das meias*, original de Baptista Diniz com musica do maestro F. Symaria.

Principe Real — Dará espectaculos com *O Anjo da mea noite*, e *Dama das Camélias* e o *Rei Maldito*, e ensaio o *Conde de Monte Christo*, de J. Moniz e o *Principe Perfeito*, de Arthur Labo d'Avila e Julio Rocha.

Colyseu dos Secretos — Succedem-se os espectaculos mas não se parecem senão nas enchentes, porque a empreza tem a habilidade de variar os mesmos, fazendo passar pela nossa frente as maiores celebridades acrobaticas e os mais eccentricos artistas comicos. Os ultimos que debutaram foram os Bagenses' Carl e Saphira, troupe que foi a principal attração dos circos de Londres.

Theatro do Rato — Vae dar uma peça nova *A Capital de Portugal*, parodia que Esculapio fez á revista *A Capital Federal*, de Arthur de Azevedo. A nova parodia tem musica do maestro Rito de Carvalho.

Distribuição: — Manuel José, horteiño na Feliteira, concelho de Torres, Santos Junior; Gre-

F. D. Maria — Reappareceu hontem ao publico de Lisboa a distinctissima actriz italiana Italia Vitalini que voltou á capital para dar mais seis espectaculos, dos quaes o primeiro foi com a *Mlada*, de Silermann. Hoje representa a *Toca* segundo-se-lhe:

- Dia 2 — *Fedora*.
- 3 — *Heda Gabler*.
- 4 — *Zofia*.
- 5 — *Odriana Lacoureur*, que irá em sua despedida.

A companhia portugueza dará depois seis recitas com a *Dolores*, das quaes a ultima a 15.

A 9 haverá uma recita extraordinaria com o *Avareto* e a 14 o beneficio do camaroteiro.

Em ensaios tem o novo original de Julio Dantas — *Um serão nas Laranjeiras*.

D. Amelia — Houve nas ultimas noites um pequeno interregno nos espectaculos da Companhia Rosas & Branco que foi a Coimbra dar uns espectaculos enquanto sedia o palco do seu elegante theatro ao grande actor frances Coquetin. Quatro recitas deu elle: a primeira com *Le Dupé de Bumbignac*, um monologo e *La jote fait peur*, um espectaculo moderno verdadeiramente delicioso; na segunda, toda a celebre peça de E. Rostand, *Le Cyrano de Bergerac*, o maior successo do theatro francez nos ultimos tempos; o *Theodor* na terceira e por ultimo outra vez a peça de Rostand.

A companhia portugueza voltou depois, e prepara os ultimos ensaios do novo original de Eduardo Schwalbach — *A Cruz da Enola*.

Trindade — Dará espectaculos com o *Gato Preto*, *Capita Federal*, *Mascotte*, *A filha da Senhora Angel* e o *Rei Damasco*, ensaiando da revista em 3 actos e 10 quadros *Hum*, original de Arthur de Azevedo e Eduardo Garrido e musica de Assis Pacheco.

Esta revista escripta em tempo para o Brasil, tem em todo elle, innumeras representações.

BRASIL PORTUGAL

REVISTA QUINZINAL ILLUMINADA



AGENTES: S. PAULO ABREU LEMOS & C.º

ABREU IRMÃOS & C.º

Rua 15 de Novembro 7, S. Paulo — (Brasil)

Os mais puros e genuinos vinhos do mundo

ANTIGA E UNIVERSALMENTE ACREDITADA CASA

Ferreirinha

de PORTO e REGOÁ

(FUNDADA EM 1751)

VINHOS VELHOS DE 1812 E 1815
(reserva especial)

Recomendados pelos Srs. médicos para os anemicos,
dyspepticos, doentes e convalescentes

VINHOS ADAMADOS

Bastardo, Malvasia e Moscatel

muito apreciados por todas as senhoras

Marcas para o commercio

Vesuvio -- Ferreirinha -- Cruzeiro -- Noqueiras e Cosmopolita

A' venda em todas as Confeitarias, Hotels, Botequins,
Armazens e Vendas

Deposito — RUA 1.ª DE MARÇO, N.º 17 — RIO DE JANEIRO
FONSECA & SA

SAQUEN sobre Portugal, Ilhas, Hespanha, Italia,
Paris e Londres

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de modista e alfayate

— ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCA —

Rua do Carmo, 68 e 72 — Quina das escadilhas de S.ª Justa

Os bons fiambres, as boas mortadellas,
Tudo o que mata o mais feroz jejum,
Os bons vinhos de Rheno, ou de Bucellas,
Whisky, Kyrsch, Cognac, Old-Tom, Rhum.

Salchichas, trufas, *petit-pois*, sardellas,
Lagostas e salmão, ostras e atum,
Isto tudo se encontra a fartadellas
A' rua Ourives, no sessenta e um.

Desde o melhor Bourgogne ao paraty,
Tudo que em vida de melhor consome,
Encontra's sempre com certeza ali.

Não é filial de casa alguma, ouvi!
E' simplesmente o bom Avilla Gomes
Ex-gerente da antiga Casa Henry.

Rio de Janeiro

MAINEIGA AÇORIANA

Premiada com a MEDALHA DE ORO na
Exposição de Ponta Delgada em 1901



Premiada com a MEDALHA DE ORO na
Exposição de Ponta Delgada em 1901

Fabrica nos Altares, Angra, Doze Ribeiras, Fontainhas
e Villa Nova

Manteiga de vacca "ALTARES," (marca
registada).

Em latas de 1/2, 1, 5 e 10 kilos

Queijos nacionaes e estrangeiros. — Queijo
Estrella.

Alfredo de Mendonça & C.ª

Angra do Heroísmo — Ilha Terceira — Açores



HOTEL INTERNACIONAL

Proprietario—MANUEL ANTONIO ALVES

RUA DA CARREIRA, 48

Primeiro hotel portuguez

FUNCAL-MADEIRA

Este esplendido hotel, situado no centro da cidade, a 4 minutos do
caes, tem excellentes accomodações para hospedes e tratamento de
primeira ordem. Comida no jardim. E' illuminado a luz electrica. Tem
magnifica vista para o mar e terra, e fica pouco distante do Jardim Publico.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

CARPINTARIA, MARCENARIA e SERRARIA

A VAPOR

DE

José Maria Pereira Júnior

COMPLETO SORTIMENTO

DE

Madeiras e Materiaes

Para construcções civis

Construcção e reconstrucção de predios

RUA LAVR DIO, 33

RIO DE JANEIRO

Qual é a razão porque a

MUTUAL LIFE

Conseguiu, em quinze annos, ter **322 MIL CONTOS** de seguros em vigor na Europa?

Foi devido aos seguintes factos, que ninguem pode contestar:

A MUTUAL LIFE é a mais antiga Companhia dos Estados-Unidos, a mais rica e a **mais importante do mundo.**

O seu fundo de garantia pertencente aos segurados é de

RÉIS 445.841:000\$000

excedendo em **322 mil contos** o da mais importante companhia da Europa.

A sua receita total desde a sua fundação foi de

RÉIS 1.319.124:000\$000

ou mais **366 mil contos** que outra qualquer companhia do mundo.

O capital que pagou aos seus segurados ou accumulou para lhes ser pago, eleva-se a

RÉIS 1.127.982:000\$000

mais **244 mil contos** que qualquer outra companhia do mundo.

Os beneficios que já pagou aos segurados

RÉIS 122.988:000\$000

ou **43 mil contos** mais que qualquer outra companhia do mundo, é cinco vezes mais que a maior Companhia da Europa.

A MUTUAL LIFE possui as tabellas mais vantajosas para os segurados; as suas apolices garantem emprestimos e resgates mais elevados que de qualquer Companhia do mundo.

A MUTUAL LIFE é a primeira instituição financeira do mundo.

A MUTUAL LIFE já realisou, em Portugal — no espaço de cinco mezes

500 MIL LIBRAS DE SEGUROS

O balanço official, contendo todos os Titulos de renda, Obrigações e Immoveis que a Companhia possui no mundo, perfeitamente descriminados, com o valor do custo e seu valor actual e respectivo juro, rubricado pelo superintendente de seguros de New York e visado pelo consul geral de Portugal em New York está á disposição de qualquer pessoa que o queira verificar.

Na Direcção Geral em Portugal.

J. R. CASTRO E SILVA

Praça dos Remolares, 4, 1.º — LISBOA

Banqueiros em Portugal — Orey, Antunes & C.ª

Banqueiros no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão

Eu era assim



Cheguei a ficar quasi assim



Soffria horrivelmente dos pulmões; mas graças ao XAROPE PEITORAL DE ALCATRÃO E JATANY, preparado pelo pharmaceutico Honorio do Prado, o mais poderoso remedio contra tosses, bronchites, asthma, rouquidão e coqueluche,

Consegui ficar assim



Completamente curado e bonito

Honorio do Prado

115, RUA DO LAVRADIO, 115

DEPOSITO: — **Drogaria PACHECO & C.** — ANDRADAS, 89

VIDRO 25000 RÉIS

MARCA REGISTRADA Rio de Janeiro.



**VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO**

Premiados nas exposições

DE

**PORTO
REGISTRADA**

MARCA DE COMERCIO

Londres, 1853; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos.

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO



JULIO LIMA & C.^a

FABRICANTES DE CHAPEUS DE FELTRO

Fabrica

167, RUA DE S. CHRISTOVÃO, 167

Deposito

46, RUA DE S. PEDRO, 46

End. teleg. — JULIMA.

RIO DE JANEIRO

FABRICA FUNDADA EM 1897 — Occupa a área de 12.000 metros quadrados

MACHINISMOS MODERNOS E APERFEIÇOADOS

Os seus productos rivalisam vantajosamente com os importados do estrangeiro. Esta fabrica, foi distinguida com o

Diploma de Honra

O mais distincto de todos os premios

na Exposição Artístico-Industrial de 1900, primeira a que concorreu. — Absteve os principaes mercados do paiz.



The Pacific Steam Navigation Company

Caes do Sodré, 64, 1.º

LISBOA

OS AGENTES — E. Pinto Basto & C.



Viagens rapidas para o Brazil e portos do Pacifico. Carreira quinzenal (às quartas feiras alternadas). Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as commodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu, Valparaiso, portos do Chili e Peru, e, na volta, para La Platte e Liverpool.

CAMISARIA DA MODA

DE

Felix de Mello & Com.^{ta}

Rua de Santo Antonio, 66

PORTO

Completo sortimento de roupas brancas
para homem e senhora.
Especialidade em gravataria.
Enxovacs para casamento.

Deposito Sanguinhal
Vinhos tintos e brancos
DO
SANGUINHAL
Os melhores vinhos de meza
VINHOS
DO
Porto e Madeira
Cognac,
Champagne,
Licores, etc.

129—RUA DO ALECRIM—131
Telephone N. 129*

LA UNION Y EL PERU ESPAÑOL
Capital social 2.400.000.000 réis
Em accões de 100 réis cada uma
Em accões de 500 réis cada uma
INFORMES E RESERVAS ESCRITAS
Expore suas mercadorias, expulsa
PREMIOS E RESERVAS ESCRITAS
Equipar Alcatrazes e Unions Maritimas
a favor de passageiros de qualquer nacionalidade.
Directores—Lima, Mery & Pallas
LISBOA—Rua da Prata, 99 2.º

JOSÉ CLAUDIO DE SOUZA

Agencia da TINTURARIA CAMBOURNAC, de-Lisboa

E DA

MANUFACTURE FRANÇAISE D'ARMES DE SAINT ETIENNE

Estabelecimento de quinquilharias

VENDA A RETALHO E POR ATACADO

Agencia da REVISTA ILLUSTRADA
BRASIL-PORTUGALEncarregue-se de tomar assignaturas para todas as publicações nacionaes
e estrangeiras.

Rua Nova da Matriz, 7 e 9

Ilha de S. Miguel (Açores)

PONTA DELGADA

Empresa Nacional de Navegação



Itinerario das carreiras para a Costa

occidental e oriental d'África

SAHIDAS—Dia 6: Para Madeira
S. Vicente, S. Thiago, Principe, S.
Thomé, Cabinda, Ambriz, Loanda
Novo Redondo, Benguella e Mossa
medes.Dia 12: S. Thomé, Loanda, Lourenço
Marques, Beira e Moçambique.
Dia 21: S. Thiago, Principe, S.
Thomé, Cabinda, Santo Antonio do
Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda,
Novo Redondo, Benguella, e
Mossamedes.Para carga e passageiros trata-se
no escriptorio da Empresa, Rua da
Prata, 5, 1.º

ALFAYATERIA "CONFIANÇA"

R. dos Paqueiros, 101, 1.º

JAYME PIRES & COM.^{ta}Fazendas nacionaes e estrangeiras.
Confecções para homens, senho-
ras e crianças. Fardamentos mi-
litares e todos os uniformes.

Preços resumidos

Fatos completos pretos, azuis e em
outras, de

62000 a 705000

Ditas de fazendas estrangeiras, de

12000 a 25000

Estabido sortimento em sobretudos,
Dobles-capas e varizes d'Inverno.Capas e suspensões, fabrico espe-
cial de roupa casa, de

12000 a 15000

PONSECAS, SANTOS & VIANNA
BANQUEIROS

R. D'EL-REI (VULGO CAPELLISTAS), 100

← LISBOA →

SOCIOS:

Ludov Pereira dos Santos Silva, Francisco da Silveira Vianna
e Joaquim Pinto da FonsecaCompram e vendem fundos publicos nacionaes e estran-
geiros, accções de bancos e companhias. Tomam e saccam
letras sobre todas as praças estrangeiras e do reino. Recebem
generos e fundos publicos a consignação. Recebem depositos
em conta corrente a juro convencional, á vista ou a prazo
fazem todas as operações de casa bancaria e de commissão

BANCO NACIONAL

ULTRAMARINO

Sociedade anonyma

de responsabilidade limitada

SÉDE EM LISBOA

49—RUA NOVA D'EL-REI—74

ULTRAMAR

Caixas Filiaes

S. Thiago de Cabo Verde—S.
Thomé—Loanda—Benguella—
Lourenço Marques—Nova Goa.

AGÊNCIAS

S. Vicente de Cabo Verde—Bo-
lama—Mossamedes—Quelimane
—Inhambane—Moçambique—Ma-
cau.

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

Para Madeira, Santa Ma-
ria, S. Miguel, Tercei-
ra, Graciosa (Praia), St.
Jorge (Vellas) Caes do
Pico e Fayal.Sae o vapor FUNCHAL, com-
mandante Antonio Xavier da An-
jirado, no dia 1 de dezembro ás
10 horas da manhã.Trata-se com os agentes—
Caes do Sodré, 84, 2.º

Germans Saizé Arnaud.

Compagnie des Messageries Maritimes

e Paquebots poste français

Linha Transatlantica

Para Dakar, Pernambuco, Bahia,
Rio de Janeiro, Santos, Montevideo
e Buenos-AyresOs passageiros de 3.ª classe po-
dem dirigir-se a OREY ANTUNES
& C.ª, 4, Praça dos Remo-
lhares.Para passagens, carga e todas as
informações trata-se na Agencia de
Companhias—37, Rua Aurea.

Os Agentes, SOCIEDADE TORLADEN

Companhia Trasatlantica de Barcelona



LINHA DE FILIPINAS

Sahidas de Lisboa de 4 em 4 semanas, com serviço de mercadorias e
passageiros para Port-Said, Adem, Colombo, Batavia, Bombaim, Buslore,
Calcutta, Kioo, Hong-Kong, Kurrachee, Manila, Saigoo, Shanghae, Si-
dney, Singapore, Suez, Iokohama e outros portos de Asia e Oceania—
Passageiros para Macau.Serviço de mercadorias e passageiros de Liverpool para Lisboa.
Passageiros para Cadix, Cartagena, Valencia e Barcelona, e com trans-
borda em Cadix para Tanger, Gibraltar, as Antilhas (Cuba e Porto-Rico),
Veracruz, New-York, Montevideo e Buenos Ayres.

Para carga e passagens trata-se com

Os agentes,

Henry Burnay & C.ª

LISBOA—Rua dos Paqueiros, 10, 1.º

MALA REAL INGLEZA

ROYAL MAIL

STEAM PACKET COMPANY

Viagens quinzenaes

PARA O

BRASIL E RIO DA PRATA

Pelos magnificos vapores

d'esta antiga Companhia

Prestam-se todas as informações

na rua d'EL-REI, 31.

Os AGENTES

JAMES RAWES & C.ª



BANCO LUSITANO

Sociedade anónima
de responsabilidade limitada
CAPITAL 800.000\$000 REIS

Faz operações bancarias
nos seus
variados ramos

Sede em Lisboa

Rua d'El-Rei, 85

LIVRARIA COLLEGIAL E ACADEMICA DE PEDRO DES. MAGALHÃES

Completo sortimento de livros em todas as linguas
e sobre todos os conhecimentos humanos

Papelaria, livros em branco e objectos para escriptorio

29, Rua do Commercio, 29

CAIXA POSTAL. 103

S. PAULO-BRAZIL

Manoel de Azevedo e Mello

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

AGENTE E DEPOSITARIO das

AGUAS

DE

LAMBARY E CAMBUQUIRA

Rua da Alfandega, 62.

RIO DE JANEIRO.

HOTEL

DOS

ESTRANGEIROS

PRAÇA JOSÉ DE ALENCAR

O primeiro do

Rio de Janeiro.

Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2%, de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 1/2% e commissão de 1/2 1/2% de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 3 1/2% á ordem e 3 1/2% ao prazo de 3 mezes; 3 1/2% a 6 e 4 1/2% ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que se relie com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



◀ LAEMMERT & C. — Livreiros-Editores — RIO DE JANEIRO, Ouvidor, 66 — S. PAULO, 15 de novembro, 32 ▶

Acaba de sahir á luz:

PLATEN

— O NOVO METH. DO DE CURAR

Manual de hygiene, regras de vida, preservaçao de saude e cura de molestias sem auxilio de drogas.

Thesouro de familia e guia dos doentes e das pessoas que gosam saude, contendo 432 gravuras em madeira, 17 estampas coloridas, 8 estampas anatomicas coloridas, cada qual representando os diversos orgaos superpostos, podendo-se separar, á vontade, (Nariz, Ouvido, Boca, Vista, Cabeça, Modelo anatomico do corpo do homem, Modelo anatomico do corpo da mulher com os orgaos durante a gravidez).

2 grossos volumes de cerca de 1500 paginas, impressos com esmero, encadernados em percaline com titulo artistico estampado em ouro e cinco cores.

PREÇO..... 10\$000

Obra indispensavel em toda a casa de familia, ensina em linguagem popular e ao alcance de todo e



mundo como se evitam as molestias—Como se curam as doencas—Como se restabelece a saude—Como se tratam os accidentes—O que se deve comer, beber e evitar—Como deve ser nossa roupa e nossa moradia—O cuidado que devemos dar á pelle, ao cabelo, aos olhos, ao ouvido, ao nariz, aos dentes, etc.—esta obra pbe o leitor ao par de todas as minuciosidades da estrutura do corpo humano e dedica particular atençaõ ás Molestias das mulheres e das criancas. Engherra capitulos exhaustivos sobre Hydrothapia, Massagem, Electricidade, Hypnotismo, Exercicios de Gymnastica Hygienica, etc.

O numero enorme e admiravel de informações concernentes ao corpo e suas funcões durante a saude e a molestia tornam a obra de PLATEN o mais completo MANUAL para o tratamento e cura das molestias.

Envia-se gratis o PROSPECTO ILLUSTRADO a quem o pedir.

EMPRESA DAS AGUAS DE VIDAGO

AS MAIS AFAMADAS DA EUROPA

Premiadas com medalha de ouro em todas as exposições nacionais e estrangeiras a que tem concorrido

FONTES EXPLORADAS: VIDAGO, OURA, VILLA VERDE E SABROZO

FONTE VIDAGO: É inconfundível. É a água alcalina mais rica e de maior fama da península.

Eficacíssima em todos os padecimentos de estomago, fígado e rins.

FONTE DE VILLA VERDE: Riquíssima como nenhuma outra, em ácido carbonico, eliminando-se pelas vias urinárias, combate e evita eficazmente a produção da gravella branca ou phantastica.

FONTE DE OURA: Riquíssima em bicarbonato de ferro, arsenical e phosphatada, tem excepcionaes qualidades reconstituintes, estimulando o organismo e melhorando a nutrição.

É infallível na cura das nevralgias menstruaes.

FONTE DE SABROZO: A rainha das aguas de meza em Portugal e a mais barata. Preço com garrafa; 1/4 de litro, 80 reis; 1/2 litro 120; 1 litro, 160. Descontos de 20 0/0 aos srs. revendedores, desde 25 garrafas.

Esta Empresa põe, de sua conta, em qualquer das estações do Minho e Douro, Companhia Real, Beira Alta e Beira Baixa, Alfaiellos e Figueira todas as aguas quando as requisições sejam de duas caixas, ou de ahí para cima.

Para o publico não ser illudido na sua boa fé com aguas de absoluta inferioridade medicinal, exija sempre: «Fonte Vidago, Oura, Villa Verde e Sabrozo».

Estabelecimento Hydrologico

Magnificos hotels, Encantadoras paisagens. Medico, pharmacia e todas as commodidades proprias d'uma estância de primeira grandeza.



Abre em 1 de junho e fecha em 30 de setembro

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente — Vidago

DEPOSITO GERAL E UNICO NO PORTO,
PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 66 E 68

ECONOMICA

Autorizada por decreto do Governo Federal
n.º 408, de 13 de Maio de 1909

CAPITAL INICIAL: 200.000.000 REIS

DIRECTORIA:
Presidente VALENTIM MACALHAES
Secretario D. DE CARVALHO AZEVEDO

TITULOS DE ACCUMULAÇÃO DE 200.000 REIS
BORTIÇOS MESAES

SRDE SOCIAL
35, Rua Nova do Ouvidor, 35
CALLE Postal Telephone Rad. Telégr.
1.042 746 100

RIO DE JANEIRO
Agentias nos Estados

500.000

PSYCHOLOGIA DO CHAPÉU

«O estylo é o homem! — Dizia Buffon, um Sabio de tom... Está provado, hoje em dia, (Que era um erro de Buffon!

Um erro! um erro profundo, Digno de eterno labeo: Pois sabe hoje todo o mundo Que o homem... é o chapéo!»

Acreditem! Não respinguem! E' a Sciencia que o diz: Pelos chapéus se distinguem Os genios e os imbecis!

Quando se encontra um sujeito Com um chapéo de forma vil, Amarrutado e mal feito, Diz-se logo: «Que imbecil!»

Mas quando alguem apparece Trazendo no craneo, ao sol, Um chapéo que resplandece, Que brilha como um pharol,

Um chapéo limpo, correcto, Que atrah e seduz o olhar, Com o seu encanto secreto, Com a sua fórma sem par,

— Admirando o cavalheiro, Diz a gente: Sim, senhor! Ou é um grande banqueiro, Ou é um grande escriptor!»

Pois bem! queres ter talento, Dominar a terra e o céo Com voo do Pensamento? Quereis ter um bom chapéo?

A Sciencia não vos engana... Tereis um chapéo ideal, Comprando-o na Americana Do Carvalho Portugal!

CHAPELARIA AMERICANA

133, R. DO OUVIDOR, 133

— RIO DE JANEIRO —

FABRICA DE TECIDOS DE LÃ E ALGODÃO

**BERGMAN KOWARICK & C.**

Endereço Teleg. : BERKO — S. Paulo

Estação de S. Bernardo

ESTADO DE S. PAULO — BRASIL

Escritorio — Casa C. P. VIANNA — Rua do Commercio, 11 e 13

S. PAULO**C. P. VIANNA & C.^A**Successores da antiga casa J. P. DE CASTRO & C.^A**IMPORTADORES E COMMISSARIOS**

Unicos agentes no Estado do S. Paulo

DAS

AGUAS VIRTUOSAS

DE

LAMBARY E CABUQUIRA

Agentes da Companhia de Seguros maritimos e terrestres

LLOYD AMERICANO

Caixa postal n. 31. — Endereço teleg. : — «VANINA»

Codigo teleg. : — RIBEIRO

Rua do Commercio, n.º 11 e 13
S. PAULO — (BRASIL)**COMMISSARIOS DE CAFÉ**João Jorge, Figueiredo & C.^A

Rua Visconde do Rio Branco n.º 16

Caixa n.º 29

SNTOSToda a correspondencia deve ser dirigida á
casa matriz, caixa n.º 69.**CAMPINAS**



CABINETE HYDROTHERAPICO

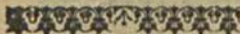
de Dr. Maupertuis Santos

Médico Director } Maupertuis Santos
Sikovera d'Almeida

Instalação hydrotherapica completa; duas salas de banho, para banho e semibanho, totalmente a vapor, d'água e independentes; gabinete de massagem d'água; cidade e massagem; Massagem e gymnastica - d'água, dirigidas por C. de Sousa. Tratamento de doenças nervosas e de estomago.

Horas de 9 h da manhã a das 3 h da tarde

ENDREÇO: RASGADA DO DOUTOR DO
SALGADA DA FLORES, 22 Lisboa



HAMBURG-AMERIKA-LINIE

HAMBURG-SUDAMERIKANISCHE

DAMPFSCHIFFFAHRTS-GESELLSCHAFT

AGENCIA EM LISBOA

ERNST GEORGE SUCC.^o

Rua da Prata, 8

Sabidas semanas dos bem conhecidos paquetes Hamburguezes de LISBOA com destino aos portos de PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO e SANTOS.



HOTEL MICHALENSE

DE

Alfredo Alves de Bettencourt

A dois passos do mar. O melhor de Angola

Preços modicos

Iha Terceira — AÇORES — Rua Direita
ANGRA DO HEROISMO

GRANADO & C.^o

Chimicos, Droguistas e Pharmaceuticos
Rua 1.^o de Março, 12
RIO DE JANEIRO



Esta casa recomen-
da-se pela sua seriedade
e pelo escrupuloso cui-
dado com que preside ao
cumprimento do seu recetua-
rio.

Além de notoriamen-
te acreditada pelo seu
completo sortimento de
produtos chimicos e pharmaceuticos
estrangeros, de pre-
cedencia e legitimidade
garantidas, é a casa—
GRANADO—geralmente
conhecida pela excellencia
de seus preparados, mani-
pulados em seu bem
montado LABORATORIO,
a Rua Visconde do Rio
Branco, 27, com o maximo
critério e escrupulo, como
bem o affirmam innumeros
attestados de todas as
sumidades

do Brasil, merecendo especial menção os seguintes:

Agua inglesa — Creosoto granulada — Kola granulada — Levulina granulada — Licor Tibial — Magnesia fluida — Mentholina — Remedio contra a embriaguez — Vinho de noz de Kola — Vinho Iodo-tanico — Vinho reconstituinte (com quinião, carne, lacto-phosphato de cal e peptina glicerinada) — Xarope anti-catarhal (cardus benedictus).

FORNECEM-RE PREÇOS CORRENTES

Rua 1.^o de Março, 12

Rio de Janeiro

BRASIL

O jersey de malha russo



Flexivel em todos os sentidos

HYGIENICO

E

ELEGANTE

— Está lá? ..

— Se eu estou contente com o Jersey de malha russo? Estou encantada com elle, e nunca mais usarei outra cousa.

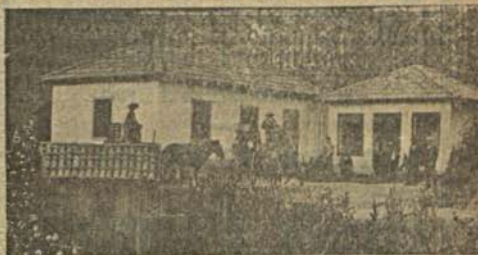
Encontra-se nas Casas de Novidades e de rouparia

VENDA POR GROSSO: REMY, BAULEY & C^o, Troyes

AGUA

DA

SERRA DO TRIGO



A Serra do Trigo — Nascentes da agua

A melhor agua de meza
das nascentes da Serra do Trigo no bello vale
das Furnas, na ilha
de S. MIGUEL-AÇORES, agua incolor
gazosa-carbonatada

SEM RIVAL

Machado, Carreiro & Brazil

13 — RUA DA CANEDA — 15

PONTA DELGADA

AO 1.º BARATEIRO

VARIADO SORTIMENTO

DE

Fazendas

MODAS e ARMARINHO



MODAS e ARMARINHO

DE

VARIADO SORTIMENTO

ESPECIALIDADE

EM

Roupas brancas para homens, senhoras e crianças

A. F. Rodrigues & C.ª

74, RUA DOS OURIVES, 76

E

89, RUA DO ROSARIO, 89

RIO DE JANEIRO

CASA PAIVA

Completo sortimento em casimiras, fazendas, modas, armariño e perfumarias
TELEPHONE N.º 423

SOUZA OLIVEIRA & C.ª

Enxovas para casamentos e baptizados

Rua 15 de Novembro n.º 15 e Thesouro, 1 e 3

São Paulo BRAZIL

GRANDE DEPOSITO

de encanamentos e aparelhos para agua, gaz e exgottos
IMPORTAÇÃO DIRECTA

J. SIMÕES & COMP.

com officina para execução de installações
e todos os trabalhos concernentes ao ramo

Fabrica de fogões economicos

TRABALHOS DE FUNILARIA, ETC.

Atende-se ás encomendas da capital e do interior

PREÇOS MODICOS

RUA DA BOA VISTA, N. 46 - S. PAULO - BRASIL

Casa BARUEL

S. Paulo

Importação constante de perfumarias,
sabonetes, pasta e pós dentifricos e todos os artigos
de TOILETTEDepositaris exclusivos
da Agua da Belleza, conhecida em S. Paulo desde 1883
BARUEL & C.ª

1, Rua Direita — Largo da Sé, 2

LIVRARIA ALVES



Francisco Alves & C.ª — Editores

Importadores de livros e material escolar

RUA DE S. BENTO, 45 — S. PAULO

(Casa Matriz — Rua do Cuvldor, 134 — RIO DE JANEIRO)

Antonio Constancio Vieira

GRANDE ARMAZEM

Importação das principaes praças da Europa e America

VENDAS POR ATACADO E A RETALHO

Ferragens, mobílias, calçado, fatos, camas, cofres, fogões, louças, oleados, lonas, encerados, artigos esmaltados, vidro em chapa, em obra, bombas, correias para machinas, estanho, ferro, chumbo, latão, cobre, folha, cordas, cabo para navios, moinhos para fazer farinha, para descasca de arroz, oleo de machinas, de pintura, tintas, vernizes, ferramenta de serralheiro e carpinteiro, papelaria. artigos de escriptorio e espingardas

CARTUCHAME

Martin, Henry, lunet ford, fogo central, polvera, batas, chumbo, machinas para cartuchos

BEIRA E MACEQUECE AFRICA ORIENTAL

Endereço telegraphico VIEIRA — BEIRA

Caixa postal n.º 58

ESCOLA ACADEMICA

Instituida em 1 de outubro de 1847

Fundador — Antonio Florencio dos Santos

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Jayme Mauperrin Santos

Bacharel formado em Philosophia e Medicina

pela Universidade de Coimbra;

Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa

Medico dos Hospitales Civis

Ensina-se n'esta Escola instrucção primaria, instrucção secundaria, periodo transitorio e curso geral dos lycées, conforme o Regulamento de 14 de Agosto de 1895, havendo além d'isso um curso commercial essencialmente pratico e completamente independente do curso geral dos lycées.

As disciplinas que constituem este curso, e que são leccionadas em classes especies e por professores espectaes, são as seguintes, e distribuidas em 4 annos:

INSPECTOR DOS ESTUDOS

Antonio Dias de Sousa e Silva

Bacharel formado em Philosophia, com o curso de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra

Curso Theologico no Seminario de Vizeu

e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

CURSO COMMERCIAL

1.º Anno

Portuguez
Francéz
Inglez
Allemaõ
Arithmetica e calculo commercial
Calligraphia
Pratica de escriptorio

2.º Anno

Portuguez
Francéz
Inglez
Allemaõ
Arithmetica e calculo commercial
Geographia geral
Calligraphia
Pratica de escriptorio

3.º Anno

Francéz
Inglez
Allemaõ
Arithmetica e calculo commercial
Historia patria
Geographia commercial
Physica e chimica elemental
Historia natural elemental
Calligraphia
Pratica de escriptorio

4.º Anno

Francéz | Exercicios de redac-
Inglez | ção e de conversa-
Allemaõ | ção
Contabilidade geral e escriptura
ração commercial
Materias primas e especies commercaes
Elementos de economia politica e legislação commercial e aduaneira
Pratica de operações commerciaes

O ensino pratico das linguas vivas começa na instrucção primaria, e nos quatro annos ha, em todas as aulas de linguas, exercicios de conversação regularmente distribuidos por toda a semana.

Aos alumnos que concluirem este curso, ser-lhes-ha passado pela Escola um certificado do curso, com as informações relativas á sua applicação, aproveitamento e procedimento.

Os horarios e mais disposições relativas a todos os cursos estão patentes no vestibulo da Escola e enviam-se pelo correio a quem os requisitar.

Lisboa e secretaria da «Escola Academica, 15 de Julho de 1901.

O DIRECTOR — Mauperrin Santos.